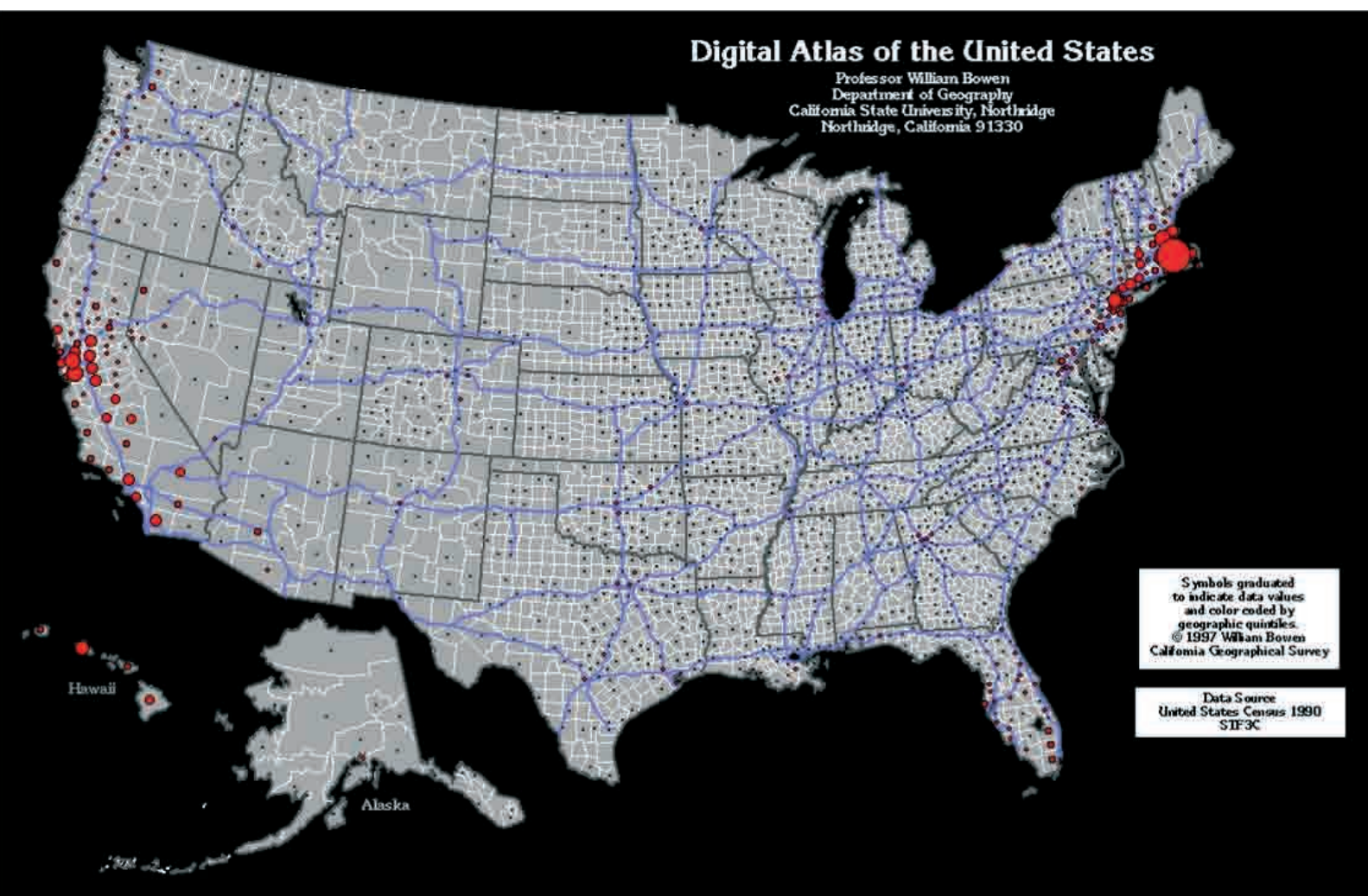


# Promoção da Língua Portuguesa no Mundo



5 Nov. 2007

Relatório da Reunião de Trabalho



# Promoção da Língua Portuguesa no Mundo

Reunião de Trabalho realizada na Fundação Luso-Americana em 5 de Novembro de 2007

Edição:  
Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento

Coordenação:  
António Luís Vicente  
Margarida Pimenta

Design e Paginação:  
Margarida Pimenta

Impressão:  
Textype – Artes Gráficas, Lda.

Capa:  
Digital Atlas of the United States, William Bowen  
California State University, Northridge  
O mapa ilustra as áreas de concentração geográfica da comunidade luso-americana

Lisboa, Março 2008

## Secções do Relatório

Palavras Introdutórias	5
Sumário	7
O Projecto de Promoção da Língua Portuguesa nos EUA – <i>Portuguese Language Initiative</i>	9
Reunião de Trabalho sobre a Promoção da Língua Portuguesa no Mundo	19
Objectivos	21
Agenda	22
Participantes	23
Síntese da Intervenção de Nicholas Ostler	25
Síntese da Intervenção de David Graddol	28
Debate	34
Anexos	41
Texto de Simonetta Luz Afonso, Instituto Camões	43
Texto de Nicholas Ostler	57
Escolas Secundárias dos EUA onde se Ensina o Português	67
Relatório MLA	87



## Palavras Introdutórias

A língua constitui o instrumento de comunicação por excelência. Mas, mais do que isso, é um modo de ser e um modo de estar. «A casa do ser» (Heidegger) assume assim uma dimensão política e uma dimensão económica.

Para os povos que falam português, ultrapassada a época da dominação colonial, representa uma garantia fundamental de identidade. Num mundo progressivamente global e competitivo, a afirmação da individualidade e a resistência à massificação tornam-se cada vez mais difíceis e necessárias.

No actual contexto da vida internacional, o reconhecimento da dimensão política da língua, mesmo para as nações estabilizadas, e a sua relevância no domínio económico impõem uma reflexão aprofundada que permita estabelecer objectivos claros e uma estratégia adequada para os atingir. Uns e outra, aliás, nunca perdendo de vista que a linguagem, pela natureza das coisas, é sempre cultura.

O desempenho do seu papel de comunicação, tanto no meio político, como no económico, requer uma actualização constante que a torne funcionalmente capaz de transmitir as novas ideias e os novos conhecimentos científicos. O idioma carece também de difusão suficiente que justifique a sua escolha como veículo de comunicação, como segunda língua. Se o número de falantes, quer como primeira língua, quer como segunda, for diminuto, o seu interesse político e económico passará a ser pequeno.

Modernização do idioma, aumento da eficácia do ensino a estrangeiros com incremento do número de professores e de escolas constituem vias indispensáveis para a realização do grande desiderato de tornar o português uma das primeiras línguas francas do Ocidente.

O seminário, que a Fundação Luso-Americana organizou no dia 5 de Novembro do ano pretérito, propiciou pela qualidade dos participantes e pela informação facultada uma análise dos diversos temas em que o complexo problema se desdobra segundo metodologias promissoras. Afigurou-se-nos, por isso, ser útil dar a conhecer o que aí se disse a um público mais vasto. É que só o entusiasmo e o esforço generalizados dos que, no Brasil, em Portugal, em África e na Ásia falam a língua de Camões possibilitará vencer este gigantesco desafio.

Rui Chancerelle de Machete

Presidente do Conselho Executivo





## Sumário

A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento organizou no passado dia 5 de Novembro de 2007 uma reunião de trabalho sobre a promoção da língua portuguesa no mundo. À volta da mesa e ao longo de um dia intenso de trabalho, estiveram representantes das principais entidades públicas, académicas e privadas com interesse e responsabilidades em matéria de ensino do português no estrangeiro, promoção da língua portuguesa e política cultural externa.

Com o intuito de fornecer uma perspectiva comparativa nestas matérias e apresentar casos de sucesso em acções empreendidas por outros países, a Fundação convidou dois reputados especialistas em História e em política e economia das línguas – Nicholas Ostler e David Graddol. Ambas as intervenções apontaram interessantes pistas para a acção de Portugal e evidenciaram importantes oportunidades para a promoção da língua e cultura portuguesas no mundo. Por exemplo, à medida que o inglês se torna mais um *skill* obrigatório do que propriamente uma das línguas a aprender, e à medida que tal leva os governos a iniciar a sua aprendizagem cada vez mais cedo, no ensino primário, abre-se uma janela de oportunidade para uma *segunda língua estrangeira* no ensino secundário e universitário.

Em determinados locais, e por diferentes tipos de argumentos profissionais e culturais amplamente discutidos durante a reunião e vertidos no presente relatório, existe um considerável potencial de crescimento do ensino do português no mundo.

Os participantes na reunião afirmaram que, para cumprir esse potencial, é necessário que o Estado lance uma estratégia ambiciosa para a promoção do português no mundo que incorpore alguns avanços recentes no entendimento destas matérias. Mas a sociedade civil, as empresas e as universidades não podem alhear-se das suas responsabilidades e do seu papel neste campo. Urge reforçar a articulação entre a promoção da língua e cultura e a promoção da economia portuguesa no mundo e apostar de forma cada vez mais intensa na componente extra-universitária do ensino da língua portuguesa, assim como na certificação de conhecimentos.

A reunião serviu também para compreender que há algum trabalho a ser feito na recolha e monitorização de dados estatísticos sobre o uso e a aprendizagem do português no mundo. Tal é importante em si mesmo e serve ao mesmo tempo como base para uma estratégia de marketing da língua portuguesa que comunique de forma cada vez mais eficaz a expressividade da língua e as vantagens profissionais e culturais de aprender português.



## **O Projecto de Promoção da Língua Portuguesa nos EUA – *Portuguese Language Initiative***



A Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento é uma instituição portuguesa, privada, de interesse público e financeiramente autónoma. Pretende contribuir para o desenvolvimento de Portugal, através do apoio financeiro e estratégico a projectos inovadores e através do incentivo à cooperação entre a sociedade civil portuguesa e americana. Apoia o intercâmbio de professores universitários e investigadores, atribui bolsas para formação avançada e patrocina protocolos de cooperação entre universidades americanas e portuguesas. Uma ideia importante na acção da Fundação – aliás, expressa nos seus estatutos – é a ideia de que o desenvolvimento de um país passa também pela sua cultura. A Fundação, tal como outras entidades, considera que a cultura portuguesa não só constitui um elemento vital da identidade do nosso país no contexto global mas pode também ser um instrumento crucial nas relações internacionais e económicas de Portugal.

Nesse contexto, os Estados Unidos assumem particular relevo, principalmente devido à sua influência económica e política no mundo, mas igualmente devido ao seu desenvolvimento científico e cultural através das suas universidades de referência. Portugal e a cultura e língua portuguesas são ainda relativamente desconhecidas nos Estados Unidos, algo que é posto em evidência quando comparamos o peso que têm nos EUA outras línguas e culturas menos expressivas ao nível global mas que, graças a um conjunto de políticas e acções, conseguiram assumir uma relevância desproporcional nos Estados Unidos. Existe portanto um enorme potencial de crescimento do ensino da língua e cultura portuguesas e da visibilidade de Portugal neste país, sendo que esse crescimento é benéfico para o desenvolvimento cultural e económico de Portugal.

Acresce que a promoção da língua portuguesa é também um elemento crucial para a política de comunidades. Um dos objectivos da política externa portuguesa é o apoio à integração das comunidades de emigrantes portugueses nos seus países de acolhimento, o que, um pouco paradoxalmente, é também decisivo para a manutenção dos laços da diáspora. Para além de contribuir para o bem-estar dessas comunidades e para a manutenção do vínculo cultural com Portugal, uma integração bem sucedida é útil para a economia portuguesa porque promove o comércio bilateral e as relações internacionais de Portugal. Os EUA, país onde residem mais de um milhão de portugueses e luso-descendentes, são particularmente importantes neste contexto, não só pelo peso político e económico mas também devido a um sistema político descentralizado e permeável a minorias étnicas. O ensino do português aos luso-descendentes contribui decisivamente para a resolução de um dilema da política de comunidades – quanto mais integrados estão os emigrantes, mais se revelam cidadãos activos e bem sucedidos no seu país de acolhimento e portanto poderão ser melhores *embaixadores* culturais, económicos e políticos do seu país de origem; por outro lado, quanto mais integrados, mais desligados poderão estar do seu país de origem. Assim, um dos grandes desafios é a manutenção da

língua de origem entre as segundas gerações – já nascidas no país para onde os seus pais emigraram.

**INICIATIVA LÍNGUA PORTUGUESA**

- Estudos Portugueses / Ensino Superior
- Ensino Pré-Universitário (K-12)
- Ensino Profissional (Centros de Ensino)

FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA

**Níveis de ensino da língua portuguesa**

Com base nestes pressupostos, a Fundação lançou, em 2003, um programa de grande envergadura na área da promoção do ensino da língua portuguesa nos Estados Unidos da América – a *Portuguese Language Initiative*. O programa partiu da considerável experiência da Fundação junto de departamentos de estudos portugueses em universidades norte-americanas. De facto, desde 1985, a Fundação tem atribuído um conjunto diversificado de apoios a universidades como Brown, Massachusetts em Dartmouth, Berkeley, Georgetown, e, mais recentemente,

Chicago, entre outras. Por outro lado, a Fundação tem também apostado em grandes projectos de âmbito museológico nos EUA, tem apoiado projectos de tradução de obras de autores portugueses e trabalhos de investigação e tem largamente promovido intercâmbios académicos nas áreas culturais.

A crescente complexidade e diversidade de acções nesta matéria justificavam uma reflexão estratégica aprofundada. Assim, em 2003, com a experiência adquirida e ouvindo várias partes envolvidas nestas matérias, a *Fundação Luso-Americana* introduziu alguns aspectos novos na sua acção. Passou a privilegiar-se uma visão mais abrangente de “política de língua” de forma a incorporar aspectos como a oferta de aulas de português em níveis pré-universitários, o marketing da língua portuguesa, a formação de professores, a articulação com associações locais que promovem línguas estrangeiras assim como a negociação política, tanto ao nível estadual como federal. Um aspecto importante da estratégia tem sido a estreita articulação com associações e académicos brasileiros.

Na definição das linhas orientadoras da *Portuguese Language Initiative*, a Fundação compreendeu que dois aparentes obstáculos representavam ao mesmo tempo dois pontos de partida essenciais para a definição de uma estratégia de acção:

1. Escassez de informação estatística sobre a situação actual do ensino da língua portuguesa nos EUA;
2. Impossibilidade de agir de forma directa no ensino de português no ensino básico e secundário público norte-americano.

Em relação ao primeiro ponto, essa constatação sugeria implicitamente a utilidade de lançar internamente um estudo sobre a situação. O segundo ponto relaciona-se com a vastidão e complexidade do sistema de ensino norte-americano, que a Fundação não pode pretender influenciar nem financiar directamente, até porque tal não faz sentido tendo em conta a disparidade de recursos. Mas essa limitação sugeria também um caminho: o de concentrar a acção em mecanismos indirectos – “alavancas” e incentivos – de promoção do estudo da nossa língua. Mais do que agir directamente, a Fundação tinha que identificar e financiar projectos que tivessem o potencial de influenciar indirectamente as próprias escolas, a comunidade e os Estados na criação de disciplinas de português.

#### INICIATIVA LÍNGUA PORTUGUESA

##### • K-12: “Diagnóstico”

“Decline and Fall of the Portuguese Language”

...mas ausência de dados rigorosos

FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA

**A Fundação coordenou um estudo<sup>1</sup> sobre a oferta de aulas de português**

#### INICIATIVA LÍNGUA PORTUGUESA



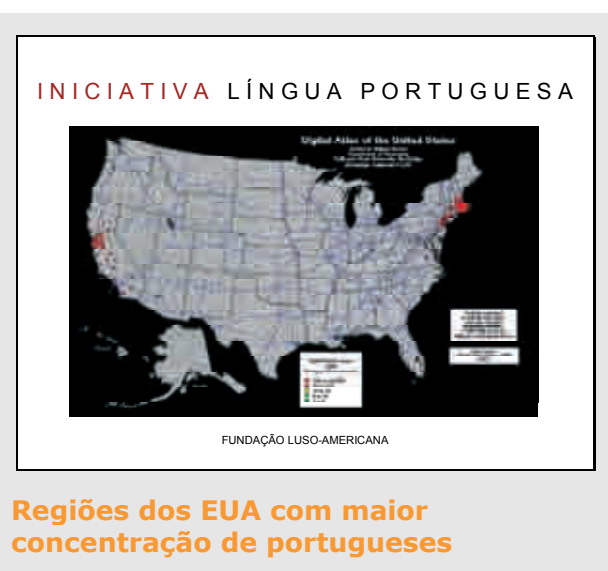
**A PALCUS lançou um pedido de informação sobre aulas de português**

portuguesa e alguns activistas da comunidade anunciam regularmente o “fim da língua portuguesa nos EUA”. No entanto, estes avisos baseiam-se em casos particulares ou em impressões sentidas no terreno e não em estudos sobre o assunto. Acresce que compreender onde se ensina português é compreender também o porquê do seu ensino em determinados locais e o porquê da sua ausência noutros. De facto, o carácter descentralizado do ensino público norte-americano faz com que as escolas reflectam a diversidade cultural da comunidade onde se inserem. Assim, em zonas de forte concentração geográfica italiana, grega ou

Deste modo, a Fundação Luso-Americana coordenou um estudo sobre a oferta de aulas de português nos vários níveis de ensino, cujos resultados se anexam, e tem vindo a monitorizar e a actualizar essa informação. O anexo mencionado resulta da informação obtida até Fevereiro de 2008. Será publicado proximamente o resultado final da actualização destes dados, agora em curso. Compreender onde se ensinava português era um ponto de partida essencial, até porque a situação é, por vezes, apresentada em tons alarmistas. A imprensa luso-americana, a

<sup>1</sup> Report on schools teaching Portuguese in the United States, em anexo.

coreana, é mais provável encontrar liceus que ensinem respectivamente italiano, grego e coreano. Tal é patente no caso do português pois é nas zonas da emigração portuguesa – o sudeste de Massachusetts, Rhode Island, Nova Jérsei e o Central Valley da Califórnia – que encontramos liceus que, sem qualquer intervenção do Estado português, ensinam *Portuguese as a foreign language*. Mas constatar este dado é também compreender que existem igualmente zonas nas quais, devido a um conjunto de obstáculos locais, o ensino da língua portuguesa está aquém do seu potencial. O estudo<sup>1</sup> realizado pela Fundação permite ainda que se concentrem recursos nas zonas mais necessitadas.



Até ao momento foram identificados mais de **100** liceus americanos que oferecem cadeiras de português. No ano lectivo de 2003-2004 estavam inscritos em cadeiras de português nessas escolas mais de **11.000** estudantes. Se a este número forem somados os estudantes da língua nas *escolas comunitárias* criadas por associações luso-americanas e apoiadas pelo Ministério da Educação português, o número sobe para os **14.000**. Estes dados são muito relevantes, contrariam a imagem tantas vezes repetida de declínio da nossa língua nos EUA (existe

também indicação de considerável crescimento de ano para ano) e comparam-se favoravelmente com os de outras línguas que têm sido objecto de intenso *lobby* nos EUA, como por exemplo o coreano e o russo. No que diz respeito ao ensino superior, segundo um estudo de 2002 da *Modern Language Association*<sup>2</sup> (MLA), mais de **8.000** alunos estavam nesse ano inscritos em cadeiras de língua portuguesa em universidades americanas. O português foi das línguas que apresentou maior taxa de crescimento – **21%** – face aos dados de 1998. A Fundação apurou ainda junto da Universidade de Massachusetts em Dartmouth e do *Center for Advanced Research on Language Acquisition*<sup>3</sup> (CARLA) que existem cerca de **300** universidades americanas a ensinar português.

<sup>1</sup> *Report on schools teaching Portuguese in the United States*, em anexo.

<sup>2</sup> A MLA é uma associação americana privada, dedicada à promoção do estudo de línguas e literaturas. Uma das actividades da MLA é a condução de estudos acerca do ensino de línguas estrangeiras em instituições de ensino superior dos EUA. A secção relativa à língua portuguesa do seu mais recente estudo encontra-se em anexo.

<sup>3</sup> O CARLA é um centro de investigação da Universidade de Minnesota financiado pelo Departamento de Educação Norte-Americano dedicado à promoção do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Uma das suas funções é documentar, em base de dados para consulta pública, onde são ensinadas todas as línguas estrangeiras.



No entanto, na primeira fase da investigação, com base num estudo efectuado pela Universidade de Massachusetts em Dartmouth constatou-se um dado importante: existem distritos escolares em que mais de 30% da população é de origem portuguesa mas onde o português não faz parte do curriculum escolar. Com base noutra fonte – o censo americano de 2000 – verificou-se que cerca de **85.000** pessoas em idade escolar (5-17 anos) ainda usam a língua portuguesa em casa. Dado que cerca de **14.000** jovens estudam português nas escolas, constata-se que ainda existe uma grande margem para o crescimento do ensino de português entre as segundas e terceiras gerações de luso-americanos. O padrão típico destes falantes de português é uma limitada

#### INICIATIVA LÍNGUA PORTUGUESA

##### CALIFÓRNIA

- Idade média: 36 Anos
- 82,1% da população com mais de 25 anos concluiu o ensino secundário (média da Califórnia é 76,1%)
- 18,9% detêm grau de licenciatura ou superior (média da Califórnia é 26%)
- 38.827 (11,7%) nasceram fora dos EUA
- 63.016 (19,4%) falam uma língua que não o inglês em casa
- Rendimento per capita: \$24.292 (Cerca de \$17.000 em Portugal)

FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA

capacidade de expressão oral e um domínio inexistente ou fraco do português escrito, pelo que uma grande parte deste universo beneficiaria de aulas de português. Acresce que um maior número de escolas a ensinar português aumenta as probabilidades de americanos sem ascendência portuguesa estudarem também a nossa língua. Conhecíamos também a considerável capacidade de resposta do sistema escolar local (em Massachusetts, por exemplo, segundo a *Education*

*Law*<sup>1</sup>, basta um pedido por escrito de 30 alunos ou pais a requerer uma dada cadeira de opção para o Estado ser obrigado a criar a cadeira, encontrar um professor e certificar a qualidade). Deste modo, começaram a levantar-se algumas questões, que ao mesmo tempo serviam de pistas para uma estratégia de acção: porquê é que não existem mais escolas a ensinar português? Porque é que há escolas com dezenas de luso-americanos e nenhuma disciplina de português? Que incentivos existem para o estudo da nossa língua? Haverá obstáculos a eliminar? Qual será o potencial de crescimento do ensino de português? Que papel podem ter acções que promovam a visibilidade da língua portuguesa nos EUA? Qual o papel do poder político aos vários níveis? Qual será o papel dos pais portugueses ou

#### INICIATIVA LÍNGUA PORTUGUESA

##### CALIFÓRNIA

- 330.974 Luso-Americanos
- Estimativa de 2005: 359.992 (+/-16.968)
- 1º Estado em termos de população luso-americana
- 28% dos Luso-Americanos vivem na Califórnia
- Representam 1% da População da Califórnia (RI: 8,7%; MA: 4,4%; NJ: 0,9%; EUA:0,4%)

FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA

#### INICIATIVA LÍNGUA PORTUGUESA

##### CALIFÓRNIA

- Pessoas com +5 anos que falam português em casa: 78.390...
- ...das quais 9.935 têm entre 5 e 17 anos de idade.
- 16ª Língua mais falada na Califórnia
- 19.210 Brasileiros
- 2.633 Cabo-verdianos

FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA

<sup>1</sup> Mais especificamente: Secção 13 do Capítulo 71 das *General Laws of Massachusetts*.

### INICIATIVA LÍNGUA PORTUGUESA CALIFORNIA / K-12

Schools	Enrollments 02/03 # of Students	Enrollments 03/04 # of Students	Growth 02/03-03/04 %
Tulare Union High School	155	183	18%
Tulare Western High School	114	135	18%
Hillmar High	83	98	18%
Los Banos High	60	73	22%
Turlock High School	80	105	31%
John H. Pitman High	24	34	42%
San Jose High Academy	41	138	237%

FUNDACÃO LUSO-AMERICANA

luso-descendentes? De um modo mais abrangente, como convocar para este esforço as comunidades brasileiras e cabo-verdianas?

Assim, a identificação de “alavancas” para a promoção do ensino de português afigura-se como um problema mais complexo. Por não poder intervir directamente no terreno – nem tal faria sentido dada a disparidade de dimensão e de riqueza entre os EUA e Portugal – a Fundação tem

vindo a apostar em projectos que procuram aumentar a visibilidade da nossa língua e que chamam a atenção para as vantagens de estudar português (marketing da língua); em suma, projectos que estimulem os alunos e as comunidades a requerer o ensino do português às autoridades locais.

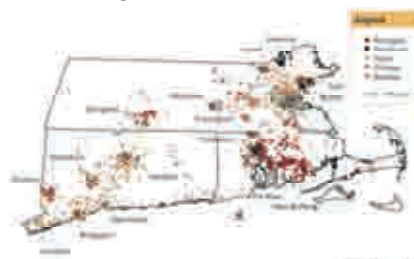
### INICIATIVA LÍNGUA PORTUGUESA

- MASSACHUSETTS
- RHODE ISLAND
- CONNECTICUT
- NEW JERSEY
- NEW YORK
- FLORIDA

FUNDACÃO LUSO-AMERICANA

### INICIATIVA LÍNGUA PORTUGUESA

#### NEW ENGLAND



FUNDACÃO LUSO-AMERICANA

**Estados onde se realizaram os estudos sobre as aulas de português**

**Concentração de portugueses e brasileiros em Nova Inglaterra**

Um exemplo de uma acção com capacidade de aumentar a procura de aulas de português é a criação de exames de acesso universitário que certifiquem o conhecimento de português. A Fundação Luso-Americana tem estado em negociações, ainda inconclusivas, com a instituição americana *College Board*<sup>1</sup>, que gere os exames de acesso universitário SAT (*Scholastic Assessment Test*) e AP (*Advanced Placement*). A instituição oferece exames de aferição dos conhecimentos de algumas línguas estrangeiras mas ainda não dispõe de exames de português. A criação de um exame para a nossa língua seria da maior importância porque daria aos milhares de luso-americanos de segunda e terceira geração, um incentivo para

<sup>1</sup> O *College Board* é uma associação privada sem fins lucrativos. O *College Board* é responsável pelos exames SAT e AP que são exigidos para aceder à maioria das universidades americanas.

estudar de forma séria a língua dos seus pais e avós. Nos EUA, ao contrário do que se passa em Portugal, quando um aluno se candidata à universidade não tem que escolher logo a licenciatura que frequentará, pelo que a sua admissão é determinada por um conjunto alargado de competências. Assim, mesmo que o aluno pretenda estudar Direito ou Biologia, a sua candidatura será mais forte se apresentasse um certificado de conhecimento da língua portuguesa. O *College Board*, talvez por ser um monopólio, tem resistido à ideia de acrescentar o português e outras línguas em franco crescimento nos EUA. Neste momento, o âmbito dos exames AP apenas abrange o espanhol, o francês, o alemão, o italiano e o japonês. Um dado que sugere claramente a falta de ambição desta instituição é o facto de o *International Baccalaureate*, uma organização suíça mais pequena com um programa pré-universitário semelhante ao AP, oferecer programas em 60 línguas estrangeiras (incluindo o português).

Para além dos exames, a Fundação tem vindo a intervir noutros projectos que procuram, de forma mais ou menos directa, criar um ambiente propício ao crescimento do ensino do português e da visibilidade da nossa cultura nos EUA. A Fundação tem reunido regularmente com professores de liceu e de universidades para compreender melhor esta problemática e tem trabalhado com pessoas e associações luso-americanas, brasileiras e cabo-verdianas. Têm-se concedido apoios financeiros a materiais pedagógicos para o ensino de português e para acções de formação de professores nos EUA.

Assim, a Fundação tem apoiado associações como a *American Portuguese Studies Association*<sup>1</sup>, a *Association of Teachers of Spanish and Portuguese*<sup>2</sup> e o *American Council on the Teaching of Foreign Languages*<sup>3</sup> (ACTFL). Para além do estudo dos mecanismos legais e orçamentais que regulam a criação de disciplinas de português nos liceus, a Fundação tem reunido regularmente com o poder político, a vários níveis, incluindo com o grupo de representantes federais eleitos por zonas de forte expressão portuguesa.

<sup>1</sup> A *American Portuguese Studies Association* é uma associação que tem por objectivo dar a conhecer as línguas, povos e culturas dos países de língua portuguesa.

<sup>2</sup> A *Association of Teachers of Spanish and Portuguese* é uma associação de professores que promove o ensino de espanhol e de português, bem como de outras línguas associadas, em todos os níveis educacionais.

<sup>3</sup> O ACTFL é uma organização profissional de âmbito nacional nos EUA que reúne mais de 10.500 professores de todas as línguas, abrangendo todos os níveis de instrução.



O desafio neste e noutros projectos que a Fundação tem lançado é o de encontrar formas sustentáveis de promoção do crescimento da nossa língua nos EUA. A Fundação considera que mais do que discursos exaltados, voluntaristas ou alarmistas, a promoção da língua portuguesa no mundo passa necessariamente por uma abordagem diferente da que tem vindo a ser praticada. Uma abordagem que assuma a importância que tem o conhecimento estatístico da realidade no terreno, que procure compreender as diferenças de país para país, e de região para região, que compreenda os diferentes “mercados” do ensino de português e que desenvolva estratégias adaptadas a essas diferentes realidades. Uma abordagem que procure também o aproveitamento dos recursos locais antes de canalizar recursos próprios porque, salvo casos muito especiais, não fará sentido que seja Portugal a financiar directamente o ensino da língua portuguesa em países com sistemas educacionais bastante mais ricos do que o nosso. O que se verifica nos Estados Unidos, por exemplo, é que, sem qualquer intervenção de Portugal, mais de **100** escolas ensinam português. Fazem-no porque consideram, por um conjunto de razões, que tal é importante no âmbito da sua oferta curricular. Por último, a Fundação acredita numa abordagem que procure constantemente articular a promoção do ensino da língua portuguesa com o esforço mais vasto de promoção da cultura portuguesa e da própria economia portuguesa no exterior. Uma visão excessivamente sectorial, focada só na língua, ou só na promoção do turismo e das exportações, por exemplo, poderá desaproveitar algumas sinergias importantes.

#### INICIATIVA LÍNGUA PORTUGUESA

##### Estratégia da FLAD – Algumas Lições

- Suspeitar de alarmismos
- Se não fizermos alguma coisa, pouco será feito
- Mas se fizermos alguma coisa, o sistema responde

FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA

**Algumas lições aprendidas durante o projecto**

#### INICIATIVA LÍNGUA PORTUGUESA

##### Estratégia da FLAD

- Marketing da Língua Portuguesa (raise the visibility)
- Monitorização da evolução do ensino / “data is apolitical”
- Compreender as zonas com maior potencial
- Aproveitar recursos locais antes de canalizar recursos próprios
- Encontrar e promover “alavancas” da procura e oferta do ensino de Português

FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA

**Estratégia para a continuidade do projecto**

Com as necessárias adaptações, a estratégia de promoção do português nos EUA e a metodologia que esta pressupõe serão igualmente aplicáveis na Europa e noutras partes do mundo.

## Reunião de Trabalho sobre a Promoção da Língua Portuguesa no Mundo



## Objectivos

- Discutir as dimensões políticas e económicas da promoção da língua e cultura portuguesas em geral e nos EUA;
- Procurar zonas de complementaridade (e de potencial colaboração) na acção do conjunto de entidades que actuam nestas matérias no âmbito da política externa, política cultural externa, cooperação internacional na área de educação, meio académico e sociedade civil;
- Avaliar as melhores práticas internacionais nesta matéria;
- Definir indicadores de sucesso na promoção da língua portuguesa no estrangeiro;
- A apresentação da estratégia da Fundação Luso-Americana e de outras instituições nesta matéria, assim como os resultados obtidos até ao momento.

O acento tónico é colocado nas dimensões políticas e económicas, ou seja, na análise das vantagens para Portugal da promoção da língua e cultura portuguesas no mundo, não se pretendendo uma análise de aspectos pedagógicos, linguísticos ou profissionais.

## Agenda

### Manhã

- Apresentação dos objectivos da reunião
- Intervenção de Nicholas Ostler

Autor do livro “Empires of the Word: A Language History of the World”.

Nicholas Ostler é um académico com capacidades linguísticas em 26 línguas. Detém graus académicos em Grego, Latim, Filosofia e Economia (Universidade de Oxford) e um Doutoramento em Linguística pelo MIT, onde estudou sob a orientação de Noam Chomsky. Vive em Bath, Inglaterra.

- Intervenção de David Graddol

Autor dos relatórios “English Next” (2006) e “The Future of English” (1997), ambos encomendados pelo *British Council*. David Graddol, linguista e escritor, tem desenvolvido inúmeros trabalhos de investigação e consultoria sobre “Global English”. O relatório “English Next” analisa as principais tendências económicas e demográficas que afectarão o inglês e outras línguas ao longo do séc. XXI e apresenta recomendações para as políticas de língua.

- Debate sobre a dimensão política da língua portuguesa

### Tarde

- Apresentações institucionais
- Debate sobre estratégias de articulação da política cultural externa com a política de internacionalização da economia portuguesa
- Conclusões



## Participantes

Jorge Pedreira, Secretário de Estado da Educação

Simonetta Luz Afonso, Instituto Camões

Rui Machete, Fundação Luso-Americana

David Graddol, The British Company

Nicholas Ostler, Endangered Languages Foundation

Adriano Moreira, Academia Internacional da Cultura Portuguesa

Amélia Mingas, Instituto Internacional da Língua Portuguesa

Anna Klobucka, Universidade de Massachusetts em Dartmouth

António Luís Vicente, Fundação Luso-Americana

Carlos Gaspar, Instituto Português de Relações Internacionais

Maria do Carmo Fernandes, Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento

Cristina Montalvão Sarmento, Associação das Universidades de Língua Portuguesa

Frank de Sousa, Universidade de Massachusetts em Dartmouth

Graça Didier, American Chamber of Commerce

Isabel Hub Faria, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

João Malaca Casteleiro, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Jonathan Gayther, British Council

José Luís Fernandes, Presidência da República

Luís Baptista, Socinova; Universidade Nova de Lisboa

Luís dos Santos Ferro, Fundação Luso-Americana

Madalena Arroja, Instituto Camões

Madalena Requixa, Instituto Diplomático

Mafalda Durão Ferreira, Direcção Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas

Manuel Carmelo Rosa, Fundação Calouste Gulbenkian

Manuela Franco, Instituto Português de Relações Internacionais

Maria Carlos Loureiro, Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas

Mário José Filipe, Universidade Aberta

Mário Mesquita, Fundação Luso-Americana

Mary Olsen, Concordia Language Villages

Miguel Fialho de Brito, Instituto Camões

Tadeu Soares, Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

Paulo Sande, Parlamento Europeu – Gabinete em Portugal

Roberto Moreno, Fundação Geolíngua

## Síntese da Intervenção de Nicholas Ostler<sup>1</sup>



A Fundação convidou o autor de “Empires of the Word: A Language History of the World”<sup>2</sup> de forma a iniciar os trabalhos com uma perspectiva histórica sobre a língua portuguesa no contexto da evolução histórica das grandes línguas europeias. Embora a reunião tivesse como principal objectivo o futuro da promoção da língua portuguesa, considerámos interessante incluir uma visão académica fundamentada sobre a forma como a nossa língua se expandiu. Embora raramente a História se repita, é por vezes útil reflectir sobre como o passado pode apontar caminhos para estratégias futuras. A palestra de Ostler colocou em evidência a complexidade inerente à expansão das línguas ao longo do tempo. Mas mostrou também a centralidade da componente política e diplomática nessa expansão, lembrando-nos que as línguas requerem uma constante atenção e

intervenção política. No seu trabalho, Ostler defende a utilidade do método comparativo de análise da História de uma língua. O português, como outras *imperial languages*, na expressão usada pelo conferencista, tem um caminho complexo, marcado por algumas características singulares, sendo difícil prever o seu futuro. Mas Ostler defende que comparar a História do uso da língua portuguesa com a evolução do uso de outras línguas permite iluminar alguns aspectos e reduzir a complexidade.

O português expandiu-se geograficamente de forma “muito mais vasta do que o latim”. Mas, tal como o latim, a expansão foi militar e assente em entrepostos de comércio. As forças impulsionadoras da expansão portuguesa – lembra Ostler – foram o comércio, a religião e a exploração territorial – não a guerra pela guerra ou por glória ou tributos. O autor destaca como principais “exportações” portuguesas a religião e a língua e refere que o português foi sempre visto como uma língua de comércio mas também de cultura. A língua portuguesa tornou-se a língua franca da região num processo que foi “rápido e duradouro”. Tal aconteceu

<sup>1</sup> Paper de Nicholas Ostler em anexo.

<sup>2</sup> Publicado por Harper Perennial, 2005, Nova Iorque.

nas zonas abarcadas pela carreira das Índias, mas não só. A língua foi-se adaptando de forma natural aos diferentes locais e evoluindo para vários tipos de crioulo, perdurando ainda hoje em alguns locais, como Diu, Goa ou Malaca.

Nicholas Ostler referiu que os holandeses, que sucederam aos portugueses neste comércio, aceitaram o domínio da língua portuguesa. Por exemplo, “os pastores protestantes enviados para o ultramar eram obrigados a aprender português no espaço de um ano após a sua colocação”. Mas para além de alguns locais, o uso da língua portuguesa foi desaparecendo, até porque os espanhóis, pós-1580, “não foram bons administradores do império que lhes caiu nas mãos”. E as zonas antes dominadas pelos portugueses foram envolvidas nas disputas entre Espanha e Holanda. Ostler citou o holandês William Bossman que, em 1704, refere que “os portugueses foram os cães de fila que prepararam a caça; assim que esse trabalho estava feito, outros apoderavam-se das presas”.

Quando se dá a restauração em 1640, a “rede” na Ásia está perdida e os franceses estão prestes a assumir o domínio do comércio na região. Mas “a língua portuguesa ainda se mantém como língua franca, estatuto que só perderá ao longo do século XVIII em benefício do francês e do inglês”.

Na América a situação foi diferente. Tal como o espanhol, o português demorou mais de dois séculos a estabelecer-se. Inicialmente havia poucos incentivos económicos para contacto com o interior do Brasil e para a imposição da língua. Apenas os jesuítas avançavam de forma sistemática para o interior e aprendiam as chamadas *línguas gerais*, pelo que o português não era ensinado. A situação mudou com a descoberta de ouro e com a expulsão dos jesuítas. Com argumentos “assentes na poupança de custos, tanto portugueses como espanhóis decretaram as suas línguas como oficiais e começaram a impô-las às populações”. A corrida ao ouro teve inúmeras consequências, sendo que uma das principais foi a enorme expansão populacional. Em 1650, refere Ostler, 150.000 pessoas falavam português no Brasil, o que era equivalente a cerca de 8% da população portuguesa. Passado apenas um século havia um milhão e meio de pessoas a falar português no Brasil e pouco mais de dois milhões em Portugal. Hoje há 10 milhões em Portugal e cerca de 170 milhões no Brasil – rácio de 17 para 1. Este rácio não tem qualquer paralelo na história dos impérios. O rácio da utilização do inglês entre os EUA e o Reino Unido é de 4 para 1. Entre o México e Espanha, o rácio do espanhol é de 3 para 1; e nenhuma ex-colónia francesa ultrapassa a França na utilização da sua língua. Nicholas Ostler referiu ainda que um fenómeno recente e pouco conhecido no mundo é o crescimento do uso do português em África, nomeadamente em Angola e Moçambique.

O português é hoje língua nativa de quase 180 milhões de pessoas (segundo os critérios usados pelo *Ethnologue*) e é falado como “segunda língua” por mais de 15 milhões. É a sexta

língua mais falada no mundo e tal deve-se principalmente à dimensão demográfica do Brasil. Apesar deste considerável número de utilizadores, Ostler considera que o português não está bem colocado para competir como língua de comunicação global por estar excessivamente concentrado na América do Sul.



Ostler concluiu a palestra salientando que o português “tem características únicas mas partilha alguns aspectos com outras grandes línguas”. O papel da língua portuguesa na religião “foi mais duradouro do que o seu papel enquanto língua de comércio”. Assim, refere Ostler, a História da língua portuguesa fornece algumas lições para o inglês, pois as bases nas quais assenta o domínio desta língua são também económicas, logo pouco sólidas e muito voláteis. Ostler é de opinião que o mundo abandonará de forma muito rápida “e com pouca nostalgia” a

sua fidelidade à língua inglesa no caso de ocorrerem mudanças na estrutura económica global que elevem novos países e diferentes grupos linguísticos.

## Síntese da Intervenção de David Graddol



David Graddol é talvez o mais conceituado especialista na área da política e diplomacia das línguas. Na última década Graddol coordenou dois importantes estudos, encomendados pelo *British Council*, que avaliam o uso da língua inglesa no mundo bem como o seu impacto na economia internacional e comparam o inglês com outras importantes línguas estrangeiras. Ambos os estudos incluem ainda importantes

indicadores sobre o futuro do inglês e de outras línguas. Algumas das ferramentas de análise usadas podem também ser úteis para compreender melhor o estado actual da língua portuguesa no mundo e as suas tendências futuras.

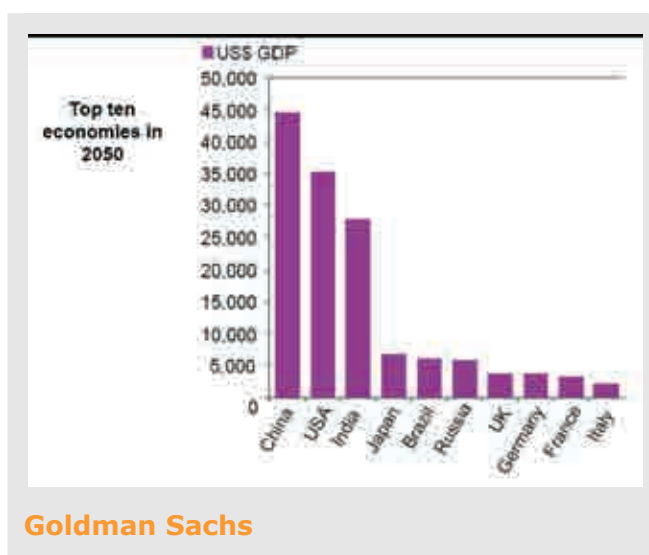
David Graddol iniciou a sua palestra referindo que algumas tendências recentes e ainda pouco conhecidas relacionadas com o ensino da língua inglesa abrem importantes oportunidades para o ensino de outras línguas estrangeiras, como, por exemplo, o português. Nos últimos anos, vários sistemas educativos deixaram de tratar o inglês como uma “língua estrangeira” para o assumir como um *basic skill*. Tal como a matemática, hoje considera-se que o inglês é um meio para um fim e uma qualificação básica. Assim, o inglês é ensinado em níveis cada vez mais baixos. Esta tendência tem-se inserido em reformas mais vastas do sistema educativo e tem acontecido em vários países na América Latina, na Europa (como em Portugal, por exemplo) e na Ásia e explica-se pela predominância do inglês no mundo. O facto do inglês ser ensinado mais cedo abre importantes oportunidades para o ensino de outras línguas estrangeiras no ensino secundário. Como os alunos já chegam a esse nível com um conhecimento considerável de inglês têm disponibilidade para começar a aprender uma segunda língua estrangeira.

Após a apresentação deste argumento central, Graddol iniciou uma breve descrição sobre a hegemonia da língua inglesa. O carácter de língua franca do inglês deve-se a um conjunto de factores. É uma língua com poucas “barreiras à entrada” no sentido em que é fácil aprender as noções básicas que permitem uma comunicação elementar (mas difícil de dominar mais aprofundadamente). Alguns autores sugerem que a razão é matemática: que o inglês ultrapassou um determinado número (*tipping point*) e que a partir daí tornou-se, num círculo virtuoso, cada vez mais racional o seu uso porque um número suficientemente grande de

peças a usavam. O Império Britânico disseminou por todo o mundo o uso do inglês. Há até autores que referem que algumas reuniões organizadas pelos EUA e pelo Reino Unido no início da Guerra Fria terão contribuído para coordenar esforços na promoção da língua inglesa como instrumento de *soft power*. Outro fenómeno que tem ajudado o inglês recentemente é a Internet. Graddol sugere ainda que o facto do inglês ser uma língua bastante plural, sem *standards* impostos centralmente, ajudou a sua expansão ao permitir fáceis adaptações locais. No entanto, embora possibilite essa diversidade, o inglês tem mantido intacto o *standard* básico. Esta questão é também relevante para a língua portuguesa. Graddol é da opinião que não é necessário fazer grandes esforços de conservação da versão pura da língua. Existem alguns mecanismos espontâneos que fazem com que a língua se afaste, mas não em demasia, do padrão. Embora uma língua esteja em constante mutação, as necessidades de inteligibilidade mútua coarctam desvios rápidos e estruturais nas línguas.

Graddol compreende a resistência a esta predominância. Refere que o inglês é semelhante à plataforma informática Windows. É uma “fonte de irritação mas também uma necessidade, porque todos usam”.

Assim, muito recentemente, sensivelmente a partir de 2000, começou a sentir-se uma nova tendência para o ensino do inglês a níveis mais básicos do ensino. Começou a encarar-se o inglês como uma qualificação básica e não tanto como um língua de cultura ou de literatura. A China, assim como muitos países da América Latina (sendo o Chile o mais avançado nesta matéria), está neste momento a introduzir o ensino de inglês na terceira classe. Os modelos a seguir são a Holanda, a Finlândia e Singapura, pois foram pioneiros no esforço de tornar bilingues as suas populações.



Este ensino do inglês como *skill* tem características diferentes do típico ensino de línguas estrangeiras. A ênfase é colocada na inteligibilidade, na comunicação, na compreensão e não tanto na correcção gramatical, na pureza da pronúncia ou nos aspectos culturais da língua. Os chineses, por exemplo, quando iniciaram um grande projecto de ensino de inglês nas universidades, contrataram um grupo de professores belgas e não ingleses. Queriam pessoas que tivessem a experiência do inglês como segunda língua e não como língua nativa, não estando interessados em toda a “bagagem cultural” que os ingleses “tentariam impor”.

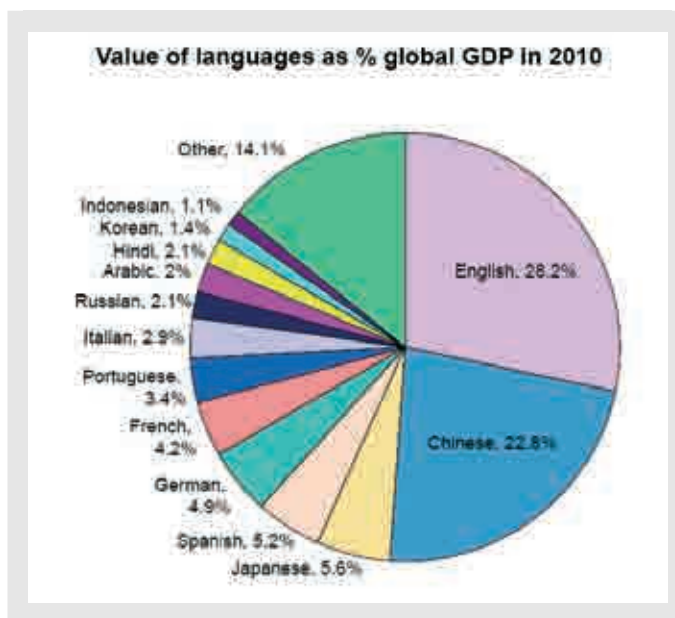


Assim, dentro de uma ou duas décadas haverá, ironicamente, pouco mercado para o ensino profissional e avançado de inglês. A maior parte dos estudantes chegará à universidade ou ao mundo laboral com um nível adequado de inglês porque começaram a aprender com 5 anos. Na Finlândia, segundo David Graddol, os professores de inglês do nível secundário já não têm emprego. Se uma criança chegar aos 14 anos sem conhecimento de inglês terá fortes dificuldades também noutras disciplinas escolares, porque cada vez mais as outras áreas exigem o conhecimento de inglês.

Esse facto cria oportunidades para outras línguas. Saber inglês já não fornece uma vantagem comparativa. Para se diferenciar, um aluno tem que procurar qualificações em outras línguas estrangeiras.

As tendências das línguas estrangeiras são afectadas por três forças: demografia, globalização e tecnologia.

A demografia explica como as grandes línguas do futuro são intensamente afectadas por ser nos países em via de desenvolvimento que se verifica o maior crescimento populacional. Tal explica a razão pela qual línguas como o italiano estão em declínio e línguas como o português estão a crescer.



Fazendo uma breve panorâmica sobre as principais línguas globais, Graddol refere que o alemão, por exemplo, é mais falado do que o francês e tem mantido a sua posição. O japonês, pelo contrário, tem sido afectado pela estagnação demográfica. O russo tem algumas nuvens no horizonte porque muitas das antigas regiões da União Soviética estão a rejeitar o russo em favor de línguas locais. No entanto, esta tendência pode reverter-se. Graddol referiu que o português tem crescido a um bom ritmo; em Moçambique, por exemplo, há uma forte tendência a favor do português porque a língua está a ser aceite e requerida pelas novas gerações. O crescimento do Brasil também terá contribuído muito para fazer do português uma língua na qual se deve apostar. As Nações Unidas estimam que em 2050 o Brasil tenha 250 milhões de pessoas. O bengali é falado por um número semelhante de pessoas, mas não “ameaça” o português porque é uma língua local e não global, não tendo a mesma importância em termos políticos, culturais e económicos. O espanhol está também em franco crescimento alicerçado também na América Latina. O árabe e o híndi têm registado um importante



crescimento orgânico, devido à explosão populacional. O mandarim não só é a língua mais falada no mundo, mas está também cada vez mais consolidada devido à política do Estado chinês de a adoptar como língua oficial. Mas Graddol refere que este trabalho vai durar décadas devido à força de algumas línguas regionais chinesas que se situam entre as 20 principais línguas do mundo.

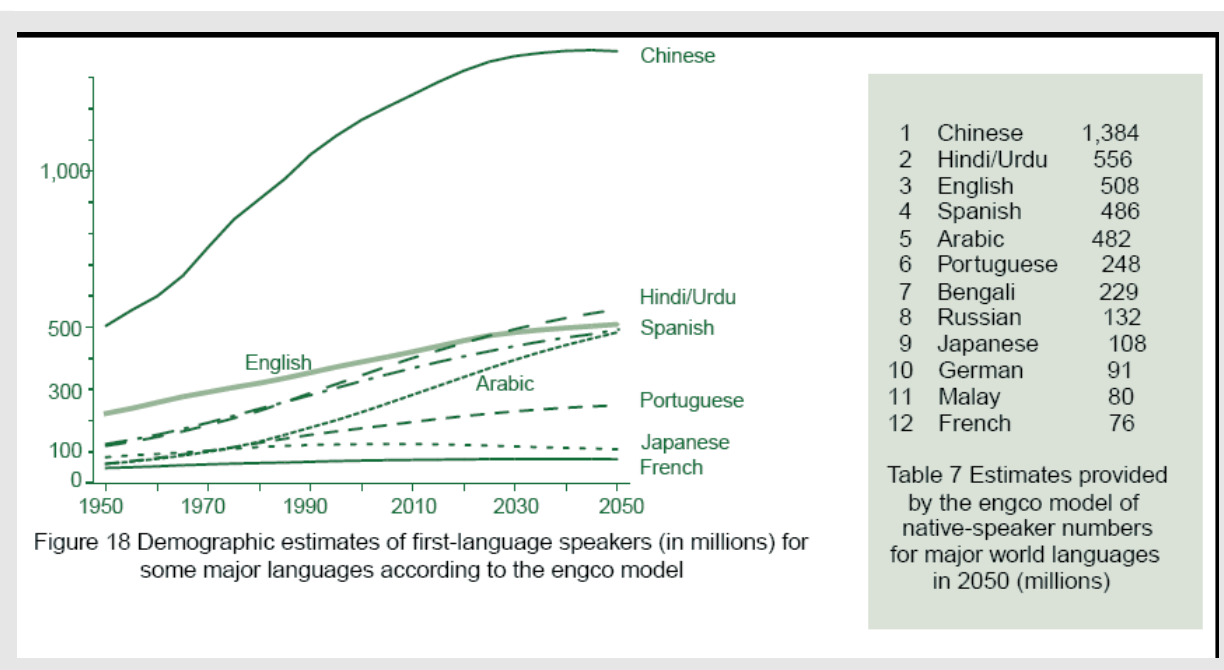
Outro factor importante para avaliar o futuro das línguas estrangeiras é a globalização económica, principalmente o fenómeno do *outsourcing*. Tal tem criado uma verdadeira “corrida ao armamento” no campo educativo. O inglês foi o primeiro grande beneficiário desta tendência – nos países asiáticos o nível de inglês determina, em muitos casos directamente, o nível salarial de uma pessoa. Mas a globalização poderá criar oportunidades para outras línguas. Estima-se que, em 2010, 28% da riqueza do mundo será produzida por pessoas cuja língua materna é o inglês, mas esse número está a decrescer. A Internet, por exemplo, já não será dominada pela língua inglesa. Em 2000, cerca de 50% dos utilizadores tinham o inglês como primeira língua. Hoje essa percentagem é de 29%. Por outro lado, a hegemonia do inglês faz com que o seu conhecimento seja cada vez menos fonte de vantagens competitivas para um trabalhador. Assim, a aprendizagem de outras línguas tenderá a crescer no futuro.

Existem três formas de crescimento do uso de uma língua. O crescimento orgânico, baseado no aumento populacional – muito relevante no caso da língua portuguesa – é lento e pouco dependente da intervenção política. O crescimento do uso de uma língua como segunda língua – importante por exemplo em países de língua oficial portuguesa – é menos moroso e mais sensível à acção dos governos, nomeadamente através de políticas educativas. Onde se pode ter um impacte mais imediato é no terceiro tipo – o aumento do uso de uma língua como língua estrangeira através do seu ensino.

David Graddol considera que a língua portuguesa tem considerável potencial. Em termos de crescimento orgânico as tendências são muito positivas devido ao forte crescimento populacional do Brasil. Em termos de português como segunda língua, o crescimento está dependente do apoio ao seu ensino e de um esforço dos governos que possa influenciar este processo.



Em termos de “português como língua estrangeira”, Graddol recomenda que se continue o trabalho do CAPLE – *Centro de Avaliação do Português Língua Estrangeira*, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pois cada vez é mais importante a oferta de um “pacote” de exames e certificados que possam ser promovidos e aceites internacionalmente pelo mercado de trabalho. Refere que as zonas de crescimento podem não ser as que esperamos. Há, por um lado, uma tendência global de regresso às origens – na China, Índia e África, pode haver grupos populacionais que queiram aprender o português por razões de herança familiar ou histórica; por outro, a economia também joga a favor da língua portuguesa. Para além da importância do Brasil, os países africanos de expressão portuguesa assumem relevância no mercado global de recursos naturais. Diversas empresas chinesas estão a apostar de forma intensa em África e tal contribuído para o crescimento do ensino da língua portuguesa na China.



Como foi referido, em muitos países e cada vez mais, os alunos chegam ao secundário com um adequado conhecimento da língua inglesa. Assim, há espaço para a aprendizagem de uma segunda língua estrangeira e, aqui, o português pode competir. Os estudantes tenderão a escolher uma língua que seja importante em termos económicos e culturais. Em ambos os critérios, a língua portuguesa tem bons argumentos. O facto de não ser tão falado como o espanhol pode, paradoxalmente, ajudar o português em determinados contextos, pois por ser menos comum pode ser mais valorizado. Na China sente-se já, refere Graddol, um crescimento de outras línguas estrangeiras para além do inglês pois já não é suficiente saber apenas inglês como o era há uma década atrás. Em sítios como o Chile, no qual o inglês é

ensinado desde o ensino primário, o português, principalmente devido à proximidade do Brasil, pode ser a principal língua estrangeira oferecida no secundário.

Em matéria de línguas na economia global, o importante é a diversidade. Se todos falarem a mesma língua estrangeira, esse *skill* deixa de ser factor de *empregabilidade*. Assim, há espaço para o crescimento de um razoável número de línguas estrangeiras e não apenas de uma ou duas numa lógica de *winner takes all*. O português, tal como todas as outras línguas estrangeiras, não está em competição com o inglês mas sim com as outras línguas de expressão global e cultural. Existem diversos nichos a explorar no ensino da língua portuguesa tanto numa perspectiva cultural como profissional. Acresce ainda a importância do português como língua de identidade entre os luso-descendentes e os habitantes de zonas anteriormente sob a influência do Império português. Segundo Graddol, Goa, por exemplo, terá todo o interesse em reforçar essa componente portuguesa para se diferenciar das outras centenas de regiões indianas.

David Graddol aconselha as entidades portuguesas a não se preocuparem em demasia com as questões de autoridade e de propriedade da língua. Um excessivo purismo pode afastar alguns potenciais interessados no português e, nesse contexto, referiu algumas tensões entre Espanha e os países latino-americanos. A maior parte das pessoas quer aprender *Brazilian Portuguese*. O *British Council* percebeu os custos de tentar impor uma norma e hoje concentra-se noutros aspectos da língua, enfatizando a componente de comunicação e o carácter global do inglês.

O panorama é complexo, mas existem inúmeras oportunidades de nicho para o crescimento do ensino da língua portuguesa no mundo, algumas delas muito recentes e ainda pouco exploradas.

## Debate

Para memória futura registam-se alguns diagnósticos e ideias propostas durante a reunião. De forma a não personalizar em demasia o debate optou-se por seguir as regras *Chatham House* através das quais se incluem citações directas não atribuídas a uma pessoa específica.

*As intervenções dos dois conferencistas ingleses serviram de pistas para o debate*

Houve diversos comentários sobre aspectos específicos das intervenções. Alguns participantes concordaram com a ideia de Graddol de que no ensino de “português como língua estrangeira” existe um “enorme potencial” e “muito trabalho a ser feito”, sendo esta uma área fundamental no âmbito das políticas públicas; foi referido que Portugal não pode ficar “apenas à espera da simples evolução demográfica, que até é favorável”.

Os dados apresentados por Graddol foram extensamente comentados, tendo sido relembrada a dificuldade de obtenção de estatísticas sobre uso da língua: “os dados internacionais sobre português, mesmo em relação ao seu uso na Internet, estão sempre desactualizados”. Referiu-se ainda que “de acordo com algumas fontes, o número de pessoas que falam espanhol somado às pessoas que falam português ultrapassa o número dos que falam inglês”.

Uma outra intervenção lembrou que as línguas vão sofrendo modas e que “nos anos setenta e oitenta, a língua a aprender era o japonês” que hoje tem menor importância. Foi salientado que a “proporção de falantes de português nas antigas zonas de colonização é muito significativa” e tem pouco paralelo noutras experiências coloniais. Foi lembrado que uma das forças do português era “ser falado em todos os continentes”. Dado que este aspecto foi negligenciado por ambos conferencistas, foi referida a “importância do uso do português entre as comunidades de emigrantes na Europa e nos Estados Unidos”. O carácter multicultural e multi-continental da língua portuguesa dá-lhe alguns argumentos para ser considerada uma



das principais *línguas de comunicação*, sendo “importante, por exemplo, na intermediação das relações entre o Oriente e alguns países africanos em rápido processo de desenvolvimento e entre o Oriente e o Brasil”. A aprendizagem da língua portuguesa “está a crescer de forma muito rápida no continente africano”: “em Angola mais de 40% dos habitantes têm a língua portuguesa como língua materna” e “o interesse crescente pelo português em Angola coincide com a pacificação do país”; no Senegal, por exemplo, “o interesse pelo português é muito elevado”. Foi lembrado, no entanto, que “países como Moçambique, Guiné, etc. requerem um trabalho muito importante, porque aí a língua portuguesa é por vezes introduzida como segunda língua e não como primeira”.

Foi salientado que “a História das línguas tem um papel crucial no futuro” e que hoje ocorrem alguns movimentos linguísticos e migratórios “fascinantes e ainda pouco conhecidos”.



Com base nos dados apurados por David Graddol, lembrou-se que “o inglês, ao contrário do que se dizia há uns anos, não está a desencorajar a aprendizagem de outras línguas nem a reduzir a diversidade” e que em alguns sítios o crescimento da aprendizagem do inglês coincide com o crescimento da aprendizagem de outras línguas. Confirmando uma ideia expressa por este especialista quando falou sobre línguas e *outsourcing*, um

dos participantes referiu que “em alguns locais, o conhecimento da língua portuguesa garante um salário elevado em *call centers*” e que de facto “o português não está em competição com o inglês”.

*A discussão focou-se então na questão da definição de estratégias para a promoção do português no mundo e de acções concretas que podem ser lançadas*

Num enfoque mais concreto sobre o que poderia fazer-se para melhorar a acção de Portugal nestas matérias, foi avançada por várias pessoas, a ideia de que é necessário definir “uma estratégia para a promoção da língua, algo que, há que reconhecer, manifestamente não existe do lado das autoridades portuguesas” e que “a questão tem de ser posta ao mais alto nível. O Presidente da República defende as nossas instituições, deve defender a língua portuguesa e assumir essa defesa”. Fez-se também um apelo: “era importante que houvesse uma política

para a língua (...) e julgo que poderia ser uma importante conclusão deste encontro”. Foi reiterado que “a finalidade deste seminário é, pelo menos, agitar os problemas, suscitar questões, num caso ou noutro, abrir horizontes”.

“Falta em Portugal uma definição de uma estratégia global acerca da língua portuguesa, a qual, aliás, há-de ser necessariamente muito diferente (...) em relação ao problema dos que falam português como língua materna (...)” e “àqueles que aprendem português como segunda língua”. “Uma política de língua definida e assumida pelo Estado” na qual “uma das alavancas tem de ser a própria promoção da cultura portuguesa lá fora (...) através da promoção dos nossos autores no estrangeiro (...); através do apoio à tradução”



Noutra intervenção foi sublinhado que, embora seja muito importante criar um fácil acesso ao ensino de português, “construir a infra-estrutura não é suficiente, tem que haver procura” e que, em alguns locais, “tem que se ser agressivo na promoção do português” mesmo que isso seja em detrimento de outras línguas estrangeiras. Outra opinião foi a de que “é preciso que haja procura para as línguas, também é preciso que quando há essa procura haja capacidade de resposta”. No estímulo à procura, tem que se ser mais criativo: “tal como se fazem as campanhas de marketing sobre tanta coisa, podia fazer-se uma sobre a língua portuguesa”.

*Necessidade de conhecer melhor os dados sobre o uso de português no mundo e sobre o seu ensino nos vários níveis escolares...*

Na definição de uma estratégia de acção “é crucial conhecer melhor os dados estatísticos sobre o ensino da língua portuguesa no mundo”. Um papel importante para as autoridades portuguesas podia ser “a comunicação internacional dos dados estatísticos sobre uso do português, pois muitos não sabem quão falado é o português”. Ainda sobre a recolha de informação foi sugerida a criação de “um organismo central que se dedique, entre outras coisas, a esta questão de saber quantos estrangeiros falam português”





*Avanços no conhecimento sobre oferta de aulas de português sugerem moderado optimismo*

Houve uma nota de optimismo: “o avanço no conhecimento tem-se feito. E mal ou bem algumas coisas têm vindo a ser quantificadas; a oferta do português aumentou; a formação dos formadores aumentou; os materiais desenvolveram-se” e que tal é importante porque “a

questão da visibilidade dos dados (...) é uma questão de Estado também” e que estes dados mostram que “o português não está em queda”. Neste contexto foi referido que “outra razão para dar os parabéns à Fundação Luso-Americana é o trabalho que aqui apresentou (...) e que não há estatísticas se não houver quem as faça”. No âmbito político existem alguns processos interessantes de reciprocidade, como se constata na América Latina: “o espanhol será a segunda língua no Brasil mas o português será a segunda língua na Argentina”; “o Uruguai adoptou uma resolução em que considera que o português vai ser ensinado como segunda língua a partir do ano 2008”. Houve ainda quem afirmasse que em Espanha o “português está em vias de ser a terceira língua”.

*Questão das variantes do português*

Numa reacção ao comentário de David Graddol sobre as questões de autoridade da língua, referiu-se que os portugueses não devem “pensar que são donos da língua” e que será importante reflectir sobre “estratégias conjuntas com o Brasil de forma a colocar o português no patamar merecido”.

No âmbito deste tema, os participantes tiveram a oportunidade de conhecer melhor o manual de apoio ao ensino de português “Ponto de Encontro”. Anna Klobucka, directora do Departamento de Português da Universidade de Massachusetts em Dartmouth e editora deste novo manual publicado pela prestigiada *Prentice-Hall*, que esteve na reunião a convite da Fundação Luso-Americana e fez uma apresentação sobre o projecto. Uma das inovações pedagógicas do livro é a forma como se adapta ao ensino das variantes do português, não só europeia e brasileira como também africana. Este projecto constitui um exemplo de como é possível e desejável trabalhar conjuntamente com brasileiros em projectos de promoção da língua portuguesa em países terceiros e que nesse processo uma variante não precisa de

“afastar” a outra. Referiu ainda que a recepção do livro “tem sido muito boa porque a percepção, pelo menos nos Estados Unidos, é que nos faltam materiais adequados e actualizados para o ensino do português” e que “finalmente temos aquilo que o italiano, o espanhol e o alemão já têm há muitos anos. Isto é, um livro publicado por uma editora *mainstream*, o que facilita muito a distribuição”, sendo o livro já “usado em Harvard, Brown, Princeton e outras universidades”.

### *A importância das comunidades portuguesas*

“No universo dos ditos falantes de português, que podemos cifrar à volta dos duzentos e poucos milhões, é evidente que os quatro milhões e meio de emigrantes portugueses e luso-descendentes são uma gota de água. Mas são uma gota de água que às vezes encabeça muitos discursos e intitula muitas intervenções” e “é importante que as pessoas tenham a noção que os portugueses continuam a emigrar e que nos anos recentes emigram como não emigravam há vários anos; emigram fundamentalmente para destinos europeus, mas emigram em número expressivo”. Neste tema, foi dito que “falta saber se, em relação às comunidades portuguesas, estamos a falar de uma primeira ou de uma segunda língua”. Sabendo-se que em alguns países existem problemas de insucesso escolar entre os filhos de emigrantes portugueses, “era importante que o ensino da língua portuguesa estivesse associado, ou pelo menos não estivesse dissociado, do combate ao insucesso escolar destas novas gerações”.



“As nossas comunidades não reivindicam os seus direitos. Por exemplo, na Alemanha, se houver doze pais que peçam o ensino do português numa escola alemã, o Estado alemão tem que lhe dar um professor de português. Mas eles não reclamam esse direito. Aquilo que a Fundação Luso-Americana está a fazer na América vai ter que ser feito pela Europa fora”, porque o “problema dos Estados Unidos é semelhante ao da Europa”. “Este é um momento estrategicamente essencial para fazer alguma coisa no sentido de manter a permanência do português (...) e de manter vínculos culturais entre os luso-descendentes e Portugal”.



*Papel das políticas públicas na promoção da língua portuguesa no mundo*

Sugeriu-se uma maior atenção ao ensino “fora do contexto universitário de forma a abarcar importantes grupos com potencial interesse na nossa língua” e que nesse contexto “tem que se apostar cada vez mais na certificação”.

É necessário acompanhar as mudanças em curso no ensino de português no estrangeiro – “o básico e o secundário estão em trânsito entre o Ministério da Educação e o Ministério dos Negócios Estrangeiros” realçando-se que ainda há muitas incógnitas neste processo.

Em relação à acção concreta do Instituto Camões, foi transmitida a opinião de que devia ter “um estatuto de uma espécie de *Embaixada da Língua*”. Foi referido que, para além do ensino da língua, “todos os leitorados de português no mundo têm uma programação cultural”. O Instituto Camões tem uma estratégia próxima do mundo universitário porque “como é dos mais antigos institutos da Europa, inseriu-se sempre em Universidades” mas, no mundo de hoje, há que ter atenção às “novas tecnologias que nos permitem ensinar o português nos vários níveis (...) e dar certificados aos alunos (...) e formar pessoas capazes de ensinar português no mundo”.

Houve quem sugerisse a importância de “não esquecer o papel desse poderoso instrumento que é a comunicação social” e que “é preciso investigar mais (...) não chegam os linguistas, não chegam os sociólogos, é preciso um trabalho conjunto”.



## Anexos



## Anexo 1

Texto de Simonetta Luz Afonso  
Instituto Camões



Portugal, país historicamente aberto ao mundo, ao conhecimento e à interação com outros povos, tem o privilégio de, por tal, poder ocupar um lugar reconhecido no diálogo entre a Europa e o Oriente, a Europa e o Sul. Tem o privilégio de integrar a CPLP, sendo a sua língua, a língua portuguesa, transcontinental.

Todos sabemos que a educação é a pedra basilar de uma economia sólida. No entanto, só há pouco tempo se começou a declinar o conceito amplo de educação em subcategorias específicas, com características e valências distintas: a educação inicial — de realçar a importância do projecto sobre *Indicador Europeu de Competência Linguística* —, a aprendizagem ao longo da vida, a flexibilidade e articulação do ensino — trazidas por Bolonha — e o multilinguismo.

Estes vectores da Educação ganham uma especial relevância à medida que a livre circulação passa de aspiração a realidade, que a mobilidade se torna em tónica da vida académica e profissional e que o diálogo intercultural aparece como um imperativo em prol da paz mundial. Aos interesses económicos do Pós-Guerra, que estiveram na génese da *Comunidade Económica Europeia*, junta-se, hoje, a importância política de respeitar para ser respeitado: na identidade, na cultura, na língua.

É reconhecido que, no seio de um mercado coeso europeu, a mobilidade dos trabalhadores constituirá importante fonte de ajustamento entre a oferta e a procura de trabalho. É reconhecido que um dos factores-chave para melhorar a competitividade no seio das empresas é a formação para o desenvolvimento, quer na fase de criação de uma empresa quer no seu quotidiano, bem como o trabalho transfronteiras dos empregados de empresas que fomentam a inter-cooperação. Seja na vertente da oferta/procura de trabalho seja na da competitividade e cooperação, também é reconhecido que o conhecimento de línguas é um dos instrumentos inquestionáveis na construção de metodologias das melhores práticas.

O reconhecimento da importância do multilinguismo em termos económicos encontra eco nas conclusões do estudo encomendado pela *Comissão Europeia* ao *UK National Centre for Languages* sobre o impacto do défice de competências linguísticas nas empresas. Os resultados do referido estudo, divulgados no início deste ano, evidenciam perdas significativas de oportunidades de negócio para as PME, por dificuldades de ordem linguística, situação tanto mais gravosa quanto as PME representam 99% do tecido empresarial europeu, empregando 95 milhões de pessoas, o que corresponde a cerca de metade dos postos de trabalho no sector privado da UE. O investimento no multilinguismo torna-se ainda mais imperativo num contexto de crescente globalização dos negócios e de afirmação de novas economias emergentes em África, na América Latina e na Ásia, nomeadamente as da China e

da Índia, mas também do Brasil e de Angola, onde muitos milhões de consumidores são falantes de variedades de línguas europeias . Neste contexto, a ligação escola-empresa, em particular universidade-empresa, é imperiosa. O ensino/aprendizagem das línguas para/por adultos, e não raro para fins específicos, tem de envolver agentes altamente especializados, capazes de, em conjunto com a empresa, desenvolverem estratégias de gestão linguística adequadas. Outra necessidade maior respeita ao desenvolvimento de tecnologias das línguas com alicerces científicos, consabidamente um factor de competitividade e de crescimento económico.

Pugnando por uma estratégia da UE que assuma, sistematicamente, a promoção do multilinguismo, Portugal também afirma a necessidade de uma política europeia de multilinguismo que promova a diversidade cultural não só interna, mas também externa – Seres abertos ao diálogo e promotores do diálogo planetário.

A promoção da diversidade linguística europeia favorecê-la-á no plano cultural, mas também no plano de uma participação no mercado do conhecimento e, ainda, ou consequentemente, no da internacionalização económica, do progresso material. O investimento no multilinguismo trará às empresas europeias um incremento da sua competitividade e um dinamismo acrescido ao mercado interno da UE e no mercado global, não compatível com o actual “défice linguístico”.

Os projectos do *Instituto Camões*, IP, na promoção do ensino e aprendizagem da língua portuguesa, ainda que se colocando sempre como leituras originais dos espaços de contacto e procurando ajustar-se às dimensões locais de formação e de produção educativa, respeitando também escrupulosamente os princípios da equidade participativa e orientando-se por um modelo não intervencionista, antes horizontal e cooperativo — como dizia — os projectos do *Instituto Camões* na promoção do ensino e aprendizagem da língua portuguesa são planificados conforme a óptica de trabalho sobre e com a língua portuguesa: **língua da comunicação, do trabalho, da ciência, da cultura, do direito e da diplomacia.**

E a projecção da língua portuguesa por Portugal é perspectivada em função de três cenários distintos:



**I. O 1º cenário** reporta-se ao relevo e à **projectão da língua portuguesa** por Portugal enquanto **país-membro da CPLP**, integrando **dois espaços distintos**:

O 1º, intra-fronteiras dos países CPLP

O 2º, delineado pelo espaço das Organizações Internacionais e Regionais em que a LP é língua de trabalho, de que é exemplo o espaço ACP (África, Caraíbas e Pacífico).

**II. O 2º cenário** respeita a definição de **estratégias de promoção da língua portuguesa, da cultura portuguesa e das culturas em língua portuguesa** por Portugal enquanto **Estado-Membro da UE**, pugnando por fazer valer a língua portuguesa como **LÍNGUA DE OITO VOZES CULTURAIS**, nomeadamente através das suas expressões literárias.

**3º Cenário de actuação**, aquele que é determinado pela **promoção da língua e cultura portuguesas** por Portugal em **correlação com os seus próprios interesses socio-políticos**, sejam eles relacionados com o mundo da economia sejam com o universo das diásporas portuguesas, ou melhor, de língua portuguesa, apostando na promoção do ensino da língua portuguesa em **3 áreas geográficas**:

**EM ÁFRICA, no MAGREB**

**NA ÁSIA, na CHINA e na Índia;**

**NA AMÉRICA, em dois espaços distintos: por um lado, nos PAÍSES OEI (Organização dos Estados Ibero-Americanos); por outro, nos EUA e no CANADÁ.**

## **ESPAÇO CPLP**

No **1º espaço do 1º cenário**, o definido pelas **fronteiras da CPLP**, no contexto da língua portuguesa, tem vindo o IC a responder a dois desafios estratégicos, definidos em parceria:

- a) O da **Formação**;
- b) O da **Investigação**.

### **a) Formação**

No âmbito da **Formação**, o IC co-fomenta a excelência do trabalho em e com a LP, enquanto língua de ensino, língua de trabalho e língua de comunicação, em parceria com instituições de ensino superior dos PALOP e de Timor-Leste, nas seguintes áreas:

- A da ***Formação Inicial dos Professores de Português do Ensino Superior e Secundário — grau de licenciatura***, cujos planos de estudo reflectem metodologias de ensino e aprendizagem do português como uma língua que partilha com outras línguas espaços comuns de vivência.

**Simultaneamente, os departamentos ou secções de LP cooperam na formação em língua portuguesa do universo dos estudantes do ensino superior**, apoiando a formação linguística curricular dos futuros professores de outras disciplinas do ensino superior/secundário, bem como a optimização de competências linguísticas de estudantes de faculdades que não têm a ver, directamente, com o ensino do português — faculdades de Direito e Economia, nomeadamente.

- A **2ª área de formação**, com base nas instituições de ensino superior, inaugurada em Setembro de 2004, é a da ***Formação Contínua de Professores em Exercício do Ensino Secundário***, organizada em regime presencial e à distância, e embrião, no presente momento, de uma formação em rede, esta área de actuação assegura ou uma formação personalizada em função, entre outros, do perfil de escolas-alvo determinado pela própria escola, ou uma formação similar à do *curriculum* académico que visa a graduação superior do professor, permitindo que professores, com a média maioritária de 35 anos, possam, entre outros, progredir na sua carreira profissional com a aquisição do grau de licenciatura.

São três, os programas de ***Formação Contínua de Professores em Exercício do Ensino Secundário***, no terreno: em Cabo Verde, na Guiné-Bissau e em Moçambique.

No âmbito, ainda, da Formação, num outro nível, o Instituto Camões tem cooperado e coopera na **formação de profissionais da comunicação social**, nomeadamente em Técnicas de Comunicação em LP.

## **b) Investigação**

Ao enumerar programas desenvolvidos na área da promoção da investigação, do conhecimento, o IC focaliza 4 grandes alavancas de cooperação do IC:

1. A do **Programa de Bolsas**, nomeadamente de **Bolsas de Investigação**, quer para a frequência de **Mestrados** quer para o desenvolvimento da pesquisa necessária com vista à defesa de **Doutoramentos**.
2. A 2ª alavanca na área da promoção da investigação, do conhecimento, é **a do apoio à criação de Mestrados**, projecto que, com a parceria do IC, está a ser desenvolvido pela Universidade Agostinho Neto;
3. A 3ª alavanca é definida pelas Unidades de Investigação e Ensino, as **Cátedras** e os **Laboratórios de Estudos Afro-Luso-Brasileiros**, criados em parceria com Universidades, nomeadamente Brasileiras, que muito têm contribuído para o Conhecimento nas áreas das Literaturas, História e Sociologia dos Povos que partilham a LP;
4. Por fim, nesta área de actuação, a 4ª alavanca é a da **Formação à Distância**, desenvolvendo Cursos na área da **Formação Contínua** via a sua plataforma Centro Virtual Camões – CVC (presentemente, há a oferta de 8 cursos de formação, para além de 2 de Aprendizagem de Português Língua Estrangeira).

## **ESPAÇO DAS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS E REGIONAIS EM QUE A LP É LÍNGUA DE TRABALHO**

Sumariando, agora, alguns dos programas de cooperação específicos ao espaço delineado pelas Organizações Internacionais e Regionais em que a LP é Língua de Trabalho, nomeadamente em África e na América Latina, para além de o IC estar a contribuir para o início da aprendizagem da LP e das Culturas que em LP se expressam em Universidades de países como a Argélia, o Botswana, o Egipto, a Etiópia, a Nigéria, o IC está a apostar, como

eixo estratégico de actuação, na promoção e dignificação da língua portuguesa como língua de conferência em organizações internacionais africanas, de carácter continental e regional.

## **1. Formação de Tradutores e Intérpretes**

Neste âmbito, o IC começou a actuar, a partir de 2006-2007, quer no seio da União Africana (UA) quer no seio da Comunidade Económica para o Desenvolvimento da África Ocidental (CEDEAO), através de três instrumentos:

- Alocação de um leitor a cada uma das instituições com dois primeiros objectivos: formação em língua portuguesa dos Funcionários destas organizações; supervisão de documentação traduzida para/de português;
- Desenvolvimento de acções de formação integrando tradutores e intérpretes de conferência da UA, CEDEAO, da União Económica e Monetária de África Ocidental (UEMOA) e da Comunidade Económica para o Desenvolvimento da África Austral (SADEC), que queremos em interacção quer com a Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique) quer com a Universidade de Lisboa;
- Equipamento, aos níveis informático, audiovisual e bibliográfico da Secção de Português do Centro de Línguas da UA e criação de um *Centro de Língua Portuguesa* na CEDEAO, no seio dos quais também serão ministradas aulas de português para todos os membros destas organizações que queiram aprender a língua portuguesa.

Por fim, nesta vertente de actuação, o IC cooperará, a partir de Janeiro 2008, com a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), quer em Gaborone quer em Whindoeck, nos moldes de cooperação com a UA e a CEDEAO.

**De realçar, igualmente, que, a partir deste ano, o IC está a disponibilizar instrumentos para o trabalho em/com a língua portuguesa,** via a sua plataforma Centro Virtual Camões, chamando a atenção para três dos seus projectos;

- A construção e disponibilização de **Léxicos Técnicos** ao serviço de múltiplos sectores da actividade socio-económica (banca, comércio, turismo, tecnologias de informação, telecomunicações, ambiente, construção civil, energia e, em 2008, direito comercial);
- **Glossários Terminológicos** nas áreas do Direito, Economia, Ciências da Saúde e Ciências Agrárias;

- **Redes Lexico-Conceptuais** (vulgo *WordNets Temáticas*) ao serviço da autoformação e construção de materiais científico-pedagógicos, em áreas que contemplam desde as relações humanas, comunicação, educação, à saúde, transportes, habitação, geografia, arte e desporto.

## 2. Formação de Parlamentares

Reconhecendo a importância da língua portuguesa no seio da SADC e da UA, a pedido do Parlamento Sul-Africano, em compromisso assumido por protocolo, o IC responsabiliza-se, desde 2006, pela formação em língua portuguesa de deputados e funcionários do Parlamento Nacional da África do Sul, na esteira do trabalho que fazemos desde 2004 com o Parlamento Nacional de Timor-Leste.

O 2º cenário respeita a definição de **estratégias de promoção da língua portuguesa, da cultura portuguesa e das culturas em língua portuguesa** por Portugal enquanto **Estado-Membro da UE**.

Neste contexto, **Portugal tem pugnado pelo reconhecimento, no seio da UE, da dimensão do português como 3ª língua europeia mais falada mundialmente**, numa Europa aberta à globalização real, com uma *Estratégia de Lisboa* a ser plenamente consumada, chamando a atenção para **a língua portuguesa como língua de oito vozes culturais**, nomeadamente, através das suas expressões literárias. Esta importância tem vindo a ser trabalhada ao nível da dinamização do multilinguismo e da relevância entre a língua e a economia.

Presente em universidades europeias, o IC trabalha no sentido de:

- Fomentar e cooperar na criação de currículos de LP nas universidades de todos os países PECO (Europa Central e Oriental) que são membros da EU. Em alguns destes PECO, designadamente na Hungria, na República Checa e na Roménia, antecipando uma nova responsabilidade que o IC irá ter a partir de 2008-2009, a da coordenação da rede de ensino da LP nos subsistemas básico e secundário no estrangeiro, estamos a cooperar na **Formação Inicial de Professores** de língua portuguesa, actuando também, por esta via, na dinamização do português em escolas do ensino básico e secundário que oferecem o português como 2ª Língua de opção curricular;
- Potenciar e responder à procura exponencial da aprendizagem da língua portuguesa por futuros quadros das áreas disciplinares não só das Humanidades mas, e com

ênfase, da Ciência e da Tecnologia, nomeadamente em Cursos de **Ciência Política; Jornalismo; Direito; Economia; Arquitectura; Engenharias; Medicina.**

- Recorrer a plataformas, uma mais antiga, outra mais recente, para a promoção da língua portuguesa, que são as plataformas das **Associações de Lusitanistas** europeias e a das **Organizações Linguístico-Culturais** europeias, nomeadamente a designada EUNIC – *União Europeia de Institutos Nacionais para a Cultura* (*Goethe Institut, British Council, Instituto Cervantes, Instituto Italiano de Cultura, Alliance Française, Instituto de Língua e Civilização Polaca*, entre outros) e a nomeada EFNIL – *Federação Europeia das Instituições Nacionais para as Línguas*;
- Persistir na promoção de excelência.

Relativamente ao 3º cenário de actuação, aquele que é determinado pela promoção da língua e cultura portuguesa por Portugal em correlação com os seus próprios interesses socio-políticos, na área geográfica do Magreb, o IC, para além de cooperar na formação universitária, desenvolve 3 projectos prioritários, a saber:

### **1. Formação de Diplomatas**

Formação de quadros na área da diplomacia e defesa na África Magrebina, em articulação com o Centro de Língua Portuguesa/IC na Universidade Manouba de Tunes e, a partir de 2007-2008, também com Instituto de Estudos Hispano-Lusófonos da Universidade Mohammed V – Agdal de Rabat e a Universidade de Argel.

### **2. Formação dos funcionários do Banco Africano para o Desenvolvimento, em Tunes,** programa iniciado em Outubro passado, através do Centro de Língua Portuguesa/IC, na Universidade Manouba, em Tunes.

### **3. Formação de militares (oficiais)**

**Formação de quadros na área da defesa na África Magrebina,** novamente em articulação com o *Centro de Língua Portuguesa/IC* na Universidade Manouba de Tunes e, a partir de 2007-2008, também com *Instituto de Estudos Hispano-Lusófonos* da Universidade Mohammed V – Agdal de Rabat e a Universidade de Argel.

No 2º **espaço**, o da **Ásia**, especificamente o da **China** e o da **Índia**, o IC está a investir, por um lado, na criação de currículos para a formação de professores e na formação de tradutores e intérpretes e, por outro, em formações específicas, nomeadamente na área da comunicação social e da medicina, entre outras.

No 3º **espaço**, que integra, por um lado, os países da OEI (*Organização dos Estados Ibero-Americanos*), e, por outro, os EUA e o Canadá, há a referir:

### **1. A formação de novos dirigentes e líderes sociais, cívicos e políticos através da Escola Virtual do PNUD**

Foi recentemente assinado um *Protocolo de Cooperação com o Programa das Nações Unidas para a América Latina e Caraíbas*, sedado na **Colômbia**, que consideramos de suma importância, dado o **PNUD** desenvolver uma **Escola Virtual**, a qual só geria os seus projectos em língua castelhana, mas que passará também a fazê-lo, a partir desta cooperação, em língua portuguesa. No presente momento, a Escola Virtual desenvolve cursos na área do desenvolvimento humano e governabilidade democrática, com o objectivo primeiro de potenciar a capacidade dos actores estratégicos na região e contribuir para a formação de novos dirigentes e líderes sociais, cívicos e políticos. Está salvaguardado, no âmbito deste protocolo, a criação de um portal em LP, a difusão da oferta formativa da Escola Virtual em português como via, entre outros, para o fomento de novas associações da EV com instituições e profissionais da e em LP, nomeadamente no desenvolvimento de projectos que poderão abranger 4 áreas: desenvolvimento humano; governabilidade democrática; tecnologias da informação e comunicação para o desenvolvimento; e tecnologias da informação e comunicação para a difusão da LP.

Crê-se que Portugal abrirá portas e lançará o desafio a instituições de ensino superior de LP para abraçarem projectos em rede no âmbito da Escola Virtual do PNUD.

**2.** Focalizando os Países da OEI (*Organização dos Estados Ibero-Americanos*), registre-se que está no horizonte, a médio prazo, a criação de uma licenciatura em Línguas Ibéricas, a ser promovida pela *Casa das Línguas Ibéricas*, criada pelo *Instituto Camões*, *Instituto Cervantes* e *Academias das Línguas Galega, Basca e Catalã*, e cuja sede é a Universidade Alcalá de Henares, com uma população de estudantes latino-americanos deveras impressionante.



A este propósito, o IC também está presente, quer na formação de tradutores e intérpretes, nomeadamente no Chile, no Uruguai e na Venezuela, quer na formação de professores, designadamente na Argentina e no México e, ainda, em programas de investigação, através de Cátedras, no México e na Venezuela.

3. Nos EUA e no Canadá, queremos estar em universidades altamente qualificadas em que possamos promover a cultura e a ciência portuguesa, designadamente por via da criação e/ou intervenção em Cátedras e de *programas de professores visitantes*, pugnando pela especialização em língua portuguesa como língua de cultura, de direito, de ciência; e, em universidades junto de concentrações de diásporas através das quais os possamos servir, fomentando a assunção das segundas e terceiras gerações como *sujeitos de direito*, sujeitos com a capacidade de assumirem o seu saber e a sua identidade em LP.

Muito agradecendo a vossa atenção para finalizar, gostaria de registar o seguinte:

Se a experiência de promoção da língua portuguesa no estrangeiro, por via da cooperação com instituições de ensino superior, ascende à década de 20 do século passado, sem qualquer interrupção até agora — antes, presentemente, fomentada e ampliada — **o IC focaliza também hoje a sua atenção em cooperações para a realização efectiva da língua portuguesa em todos os organismos internacionais que a têm como língua de trabalho.**

O IC aposta, hoje, na **criação de léxicos técnicos e glossários terminológicos ao serviço**, via **Internet**, não só das áreas da **tradução e interpretação**, como também da criação de **Cursos de Português Língua Estrangeira para Fins Específicos** (banca, comércio, turismo, Relações Internacionais...)

O IC ainda aposta, hoje, na oferta, via **Internet**, de materiais de referência das diferentes disciplinas culturais, realçando a contemporaneidade.

O IC quer cooperar no processo de transformação da língua portuguesa numa língua global na Internet — sendo hoje o inglês e o espanhol línguas globais, urge posicionar o português, a 3ª língua europeia, na mesma posição.

Dois reptos que deixo às empresas portuguesas, aos negócios portugueses:

- Fomentem e exijam o multilinguismo nas vossas relações de trabalho com parceiros de países terceiros;
- Apoiem, de forma coesa, a projecção da língua portuguesa no mundo da globalização.

## Anexo 2

### Texto de Nicholas Ostler



## Remarks on the History of Portuguese

Nicholas Ostler

Foundation for Endangered languages

[nostler@chibcha.demon.co.uk](mailto:nostler@chibcha.demon.co.uk)

*Sustentava contra ele Vénus bela,  
Afeiçoada à gente Lusitana,  
Por quantas qualidades via nela  
Da antiga tão amada sua Romana;  
Nos fortes corações, na grande estrela,  
Que mostraram na terra Tingitana,  
E na língua, na qual quando imagina,  
Com pouca corrupção crê que é a Latina.*  
Camões, *Os Lusíadas*, i.33

Portuguese is a neo-Latin language, a language of Romance in the most literal sense. And like all the imperial powers that followed its example in the 16<sup>th</sup> to 19<sup>th</sup> centuries, Portugal had once been a province of the Roman Empire. It is interesting that Portugal, Spain, France, England and the Netherlands all had a memory of life on the receiving end of empire, though for their own exploits of conquest round the world, perhaps it is more significant that they all were open to the Atlantic Ocean.

Portuguese has spread more widely than Latin ever did – or could – and like Latin, it was often spread by military conquest. Bases round the Indian Ocean, especially established trading ports like Diu, Goa or Malacca and were not going to accept new masters without a fight. Nevertheless, the global spread of Portuguese is different from the spread of Latin in that its main driving forces were trade, the preaching of religion and exploration, rather than aggressive warfare conducted for its own sake, or for the sake of the glory and tribute that it could bring in.

Again, unlike Rome, Portugal's was a dominion spread by sea, not land. In this it was more like other colonial predecessors, the ancient Phoenicians and Greeks round the Mediterranean; and more recently round the Indian Ocean, the Arabs, and the Indians of Gujarat, Coromandel and Kalinga. The result was a network of ports and parishes, with emporia and bishops, not a territorial empire with provinces and governors. In return for luxury goods, Portugal spread Catholicism and the Portuguese language, much as Greece had dotted the Mediterranean of the 7<sup>th</sup> century BC with temples and academies, and Indian cities had sent Hindu culture, Buddhism and Sanskrit to Burma, Malaya and Java. Portuguese was from the first seen as a cultural, as well as a commercial, language.

Competence in Portuguese was soon spreading, lastingly, into any land touched by Portugal's *carreira da Índia*, and even to many places in between. Even in the 18<sup>th</sup> century, 100 years after the collapse of the trading network, the Frenchman Anquetil du Perron opined:

*Merchants of the Hindus, Moors, Arabs, Persians, Parsees, Jews and Armenians who do business with the European factories ... are obliged to speak this language; it serves also as a medium of communication among the European nations settled in India*<sup>1</sup>.

In 1551 the Englishman Thomas Wyndham, visiting the Gold Coast with a Portuguese companion Antonio Pinteado, found that they could converse in Portuguese with the king of Benin, who had known it since his childhood<sup>2</sup>. In 1600 when Japan received its first ever English visitor, the pilot Will Adams, he was only able to communicate with the *Shōgun* Tokugawa Ieyasu through a Portuguese-speaking interpreter<sup>3</sup>. In 1606 Brother Gaspar de San Bernardino, forced by lack of water to land in Persia, was amazed to be addressed by the local military commander: "*Padre, quem te trouxe a esta terra tam longe da Índia?*"<sup>4</sup>. A little later, in the mid-17<sup>th</sup> century, kings of Ceylon, and of Arakan in Northern Burma, insisted on using Portuguese to correspond with the Dutch – even though the Emperor of Kandy, Rajasinha II, was in fact in alliance with them against the Portuguese.

As well as a *lingua franca* of use to princes and elite travellers, Portuguese also became a more generally understood language of the servant class and – often the same people – early converts to Christianity. In this form, it was soon creolized, stripped of its complex Romance

---

<sup>1</sup> Anquetil du Perron *Recherches historiques et géographiques sur l'Inde*, vol. ii, pp. xii-xiii, quoted by Lopes 1936, p. 60.

<sup>2</sup> Santarém 1958 [1841], and Dictionary of National Biography s.v. *Wyndham, Thomas* (Compact Edition, p. 2343)

<sup>3</sup> Samuel Purchas, *Purchas His Pilgrimes*, ii, p. 345 (Glasgow 1905 [1625]), quoted by Lopes 1936, p. 32

<sup>4</sup> Reported in his *Itinerario da Índia por terra*, quoted by Lopes 1936, pp. 33-35.

verb endings, and in this form it has gone on being spoken to this day, in small communities in Diu in the Gujarat, in Ceylon and (called *Kristang*) in Malacca in Malaysia.

The Dutch, the principal successor power in the region, accepted the linguistic status quo; after 1692 they required arriving chaplains in Madras to learn Portuguese within a year of their arrival as well as the local language of their residence (usually Tamil) “in order that they may be able to instruct in Protestant religion the Pagans who are servants or slaves of the Company or its agents”.<sup>1</sup>

However, outside the few points on the Indian Ocean where Portugal kept its political control – notably Mozambique, Goa, Macao – the Portuguese language as such did not survive much beyond the 18<sup>th</sup> century. Indirectly, adolescent aggression proved its undoing. By losing his life in an ill-planned campaign to conquer Morocco in 1578, the young king Sebastian I laid the way open for Spain’s absorption of his kingdom. More significantly for the *Ultramar* provinces, Portugal inherited the enmity of the Spanish king’s great rebellious territory, the United Provinces of the Netherlands. The Spanish cannot be said to have been very good stewards to the worldwide trading empire which had fallen into their hands. In fact, the Dutch were so successful in taking over these possessions that, as Willem Bosman remarked in 1704, they saw the Portuguese “as setting-dogs to spring the game, which as soon as they had done, was seized by others”.<sup>2</sup>

The gravestones in the church of Nossa Senhora – later St Paul’s – in Malacca tell their own story. Portuguese memorials to governor João de Castro (dec. 1548) and (in Latin) to Don Pedro SJ, second bishop of Japan (dec. 1598) are followed, after the conquest in 1641, by Dutch epitaphs to senior merchants in the East India Company, Reynier D’ Dieu and Johan van Zyl (dec. 1655, 1656).

By the time that Portugal reclaimed its sovereignty from the Spanish in 1640, its Indian Ocean trade network had been lost beyond recall: the French by then seemed poised to dominate trade with India, the Dutch the East Indies. Although Portuguese was still a dominant *lingua franca* in the Indian Ocean at the time, this loss of control was to have a devastating effect on the language’s potential to become a world language in the modern era. Portuguese lost its commanding position as a *lingua franca* in Asia during the 18<sup>th</sup> century, as French, and then English, were building up theirs. Consider why English has been able to become such an influential world language since the Second World War. A major reason is positional: it has

---

<sup>1</sup> This is from the Charter of the VOC (the Dutch United East India Company) of 1698, quoted by Revd. Frank Penny, *The Church in Madras*, vol. i, pp. 190-192 (London 1904) and thence by Lopes 1936, p. 47.

<sup>2</sup> *Nauwkeurige beschryving van de Guinese Goud-, Tand- en Slave-Kust*, (Amsterdam 1704) quoted by Boxer 1969, p. 106.

so many bases round the world, in every continent. The language in the 20<sup>th</sup> and 21<sup>st</sup> centuries has benefited from the British imperial extent in the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup>. Portuguese, if its trading position across Asia could have been sustained, would have had a similar advantage, since to its established role in the Indian Ocean it could have added outposts in Africa, and a vast preponderance in South America. As it was, however, when the trade ebbed, along with the presence of Portuguese merchants, so did the language.

Portuguese had spread as a *lingua franca* among the developed trading nations of the Indian Ocean in the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries while Spanish had been becoming familiar among the undeveloped peoples of the Americas. In fact, this kind of language spread was at first highly superficial, and largely confined to the populations of cities – to the extent that the Archbishop of Mexico, Antonio de Lorenzana y Buitrón, was complaining as late as 1769 (in the late 18<sup>th</sup> century) that it was still impossible for him to preach a sermon in Spanish and be understood. Spain had in fact relied heavily in the early centuries on its *lenguas generales* – notably Nahuatl, Quechua, Aymara and Guaraní – until it decreed in 1770 that, throughout its empire, the extinction of the different languages be achieved, to be replaced by the sole use of Spanish.

The motivation, besides the pique of a Spanish Archbishop at having to use a foreign language, was couched in terms of cost saving, but also an Enlightenment concern that the Indians get the benefit of the latest ideas, which would be available in Spanish, rather than their own languages or indeed Latin. It was almost simultaneous with the expulsion of the Jesuits from the Spanish Empire in 1767, and so was part of a general movement in which the Crown attempted to distance itself from domination by the Church, a secularization of the empire.

In the Portuguese American colony of Brazil, there had likewise been an expulsion of the Jesuits (even earlier, in 1759). But Brazil had been different from Spanish America for the first two centuries in that its interior had been largely unexplored and unexploited: unlike Mexico and Peru no gold or silver had been discovered, and activity away from the coast had largely been restricted to Jesuit missions, where Indians were educated and organized into *reduções*, and adventurous exploratory expeditions known as *bandeiras*. In this context the designated *língua geral* had played the main role in communications inland, but this was a local language named Tupinambá, which had largely spread through the river systems independently of European control.

The expulsion of the Jesuits was combined with a banning of the use of Tupinambá. It is difficult to know what effect this legislation would have had if other events had not conspired with it – for after all, up to this point the presence of Portuguese or other Europeans had been



insignificant in the interior. A certain stream of Portuguese settlers had begun after 1654, when Portugal had finally expelled the Dutch attempt to dispossess them of their American colony, but it only picked up a generation later, with the discovery of gold in 1697, together with a host of precious stones including diamonds and emeralds. (The new wealth had a great effect in beautifying the city of Lisbon – but in the Americas, the important effect was on population, and by implication, on language – for Portuguese and against Tupinambá or anything else.)

As a result, the new language legislation came on top of the world's first gold rush, and the Portuguese-speaking population of Brazil mushroomed. After the mining boom died down, towards the end of the 18<sup>th</sup> century, a new boom in ranching took over. Portuguese speakers found it easier to penetrate the heart of the country to settle, using the new steam-powered navigation to take them up the rivers. A community once tentatively unified through Tupinambá was now definitively brought together through Portuguese.

The population so achieved is breathtaking. Portuguese-speakers in Brazil in 1650 numbered about 150,000, less than 8% of Portugal's 1.75 million. This would multiply by 10 within the next century, while Portugal only went up by about half a million. Although the population of Portugal has – in the two and a half centuries following – gone up to 10 million, the growth of the Brazilian community has vastly outstripped it: there are now approximately 16.7 speakers of Portuguese in Brazil for every single one in Portugal. This is an amazing proportion between colony and metropolis: compare the English case – 4 Americans for every Briton; or the Spanish – 3 Mexicans for every Spaniard. As for French, France has a bigger population than any French-speaking community elsewhere.

The vast numbers of Portuguese speakers in Brazil – which have very recently begun to be joined by a growth of Portuguese speakers in the African colonies Angola and Mozambique – are sufficient to put the world population of Portuguese into the top ten: according to the current SIL *Ethnologue*, Portuguese worldwide has 177.4 million native speakers, with another 15 million using it as a second-language, and as such is ahead of German, French and Japanese, but behind Spanish, Russian and Bengali.

Despite these impressive numbers, Portuguese is not well-placed to compete as a world language of wider communication: outside Europe, it is unbalanced, too localized in the Americas, with small populations in Angola, Mozambique, Goa – and a vanishingly small one in Timor Leste, even if this latest country's paradoxical choice – after spurning Indonesia's Malay – of Portuguese as its official language (available to perhaps 2% of its million or so inhabitants) is very good for the morale of the language community worldwide.

Portuguese, among these vast languages of the world Top Ten, is unique, but it shares many of its formative experiences with other large languages.

- Like English, it underwent a period of domination by the ruling class of a close neighbour, which for a time demeaned it as a literary language. In the Portuguese case, this came as late as 1580-1640. Like English, it seems to have recovered.
- Like French, it has expanded in distinct periods, first in the 16<sup>th</sup> to 17<sup>th</sup> centuries in which it became the *lingua franca* of the Indian Ocean, then again after the Brazilian gold rush of the early 18<sup>th</sup> century, in which it finally established itself as a major language of the Americas.
- Like German, it has seen its hard-won colonies taken away by other powers – in the Portuguese case, largely by the Dutch – with a resulting disappointment of hopes for global spread of its own language and zone of influence.
- Like Spanish, it only expanded its use in the Americas relatively late, having for two and a half centuries allowed a native *lingua geral* (*lengua general*) to act as the language of wider communication within the colony.
- Like Arabic, it has spread simultaneously round the Indian Ocean as a language of traders and the vehicle of a religious faith; as is typical for such languages, its role in trade has been much less durable than its religious uses

One feature of Portuguese's long career is highly significant for the prospects of English itself. This is the fact that Portuguese, having persisted as the *lingua franca* of the Indian Ocean for a century or so after the demise of the Portuguese trading presence there, nevertheless died out again. No-one today learns Portuguese, or Portuguese pidgin, to make himself understood in Sri Lanka, Malaysia or Japan, as they certainly still did in the 18<sup>th</sup> century. A *lingua franca* is a temporary phenomenon: it can die out or be replaced by another, unless it is sustained by the continuing prestige of its originating community. So it may be with World English – which despite present appearances, will never be independent of its originating states. *Sic transit gloria mundi*.

## References

Boxer, Charles Ralph, 1969, *The Portuguese Seaborne Empire*, London: Hutchinson

*Dictionary of National Biography*, Oxford University Press

Gordon, Raymond G., ed., 2005, *Ethnologue: Languages of the World* (15<sup>th</sup> edition), Dallas, TX: Summer Institute of Linguistics

Lopes, David, 1936, *A Expansão da Língua Portuguesa no Oriente durante os séculos XVI, XVII e XVIII*, Barcelos: Portucalense Editora

Santarém, Visconde de, 1958 [1841], *Memória sobre a prioridade dos descobrimentos portugueses na Costa da África Ocidental*, Paris; reissued Lisbon: Comissão Executiva das Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1958.

## Other works Consulted

da Silva Neto, Serafim, 1979, *História da língua portuguesa* (3.º edição), Rio de Janeiro: Presença

McEvedy, Colin, and Richard Jones, 1978, *Atlas of World Population History*, Harmondsworth: Penguin

Ostler, Nicholas, 2005, *Empires of the Word: a language history of the world*, London & New York: Harper Collins

Ribamar Bessa Freire, José, 2004, *Rio Babel: a história das línguas na Amazônia*, Rio de Janeiro: ED UERJ

Wright, John W., ed., 2000, *2001 New York Times Almanac*, Harmondsworth: Penguin



## Anexo 3

### Escolas Secundárias dos EUA onde se Ensina o Português





---

## Report on Schools Teaching Portuguese in the United States of America, 2002-2008<sup>1</sup>

- Update to the Report Presented to the College Board in February 2004, summarizing findings as of February 12<sup>th</sup>, 2008 –

---

### California

#### Introduction:

- According to the report “Statewide Course Enrollment and Staffing Data” from the *California Department of Education*, there were, in the academic year 2002-2003, 11 schools teaching first and second year Portuguese and 4 schools teaching advanced Portuguese. In first and second year Portuguese classes there were **654** students enrolled and in the advanced level, **115** students. Total: **769**.

Source:

<http://data1.cde.ca.gov/Dataquest/crselist1.asp?cChoice=StCrse&subject=on&cYear=2002-03&cLevel=State&ctopic=Course&myTimeFrame=S&submit1=Submit>

#### Key contacts concerning California, in case more information is needed:

General: Prof. Duarte Silva, School of Education, Stanford and Executive Director of “The California Foreign Language Project” and member of the “New Visions Project” of the ACTFL; Ph.: (650) 849-7955; [duarte.silva@stanford.edu](mailto:duarte.silva@stanford.edu)

Universities: Prof. Elmano Costa, California State U., Stanislaus, ([ecosta@toto.csustan.edu](mailto:ecosta@toto.csustan.edu))

High-Schools: Mr. Diniz Borges, Tulare Union High School; ([d.borges@comcast.net](mailto:d.borges@comcast.net))

---

<sup>1</sup> This report seeks to offer a snapshot of the current state of Portuguese classes’ availability in selected regions of the US. It is based on the data compiled by António Luís Vicente, Luso-American Foundation, who also prepared this report. It is a work in progress, and not the final word on schools teaching Portuguese, as we expect to continue gathering information. It was only possible due to the dozens of officials, teachers and community leaders that have looked into this issue over the years and that cooperated in this study. Special thanks to the Portuguese Embassy in Washington, DC, and its Ambassador, Hon. Pedro Catarino; Prof.<sup>a</sup> Graça Castanho, Mr. Manuel Silva Pereira; Prof. Duarte Silva, Prof. Elmano Costa, Prof. Frank Sousa, Prof. Carmen Tesser; Prof. Onésimo Almeida, Mr. Diniz Borges; Portuguese Consul in New Bedford, Mr. Fernando Teles Fazendeiro; Portuguese Consul in Boston, Mr. Américo Madeira Barbara; Carolina M. Baptista; PALCUS; Luso-American Education Foundation. For further information and to suggest updates, please contact: [antonio.vicente@flad.pt](mailto:antonio.vicente@flad.pt)

**Public Schools Teaching Portuguese as Foreign Language and number of students enrolled in such classes (if available) in academic years 02/03, 03/04 and 07/08<sup>1</sup>**

<b>Schools</b>	<b># Courses 02/03</b>	<b>02/03 # Students Enrolled in Portuguese</b>	<b>03/04 # Students Enrolled in Portuguese</b>	<b>07/08 # Students Enrolled in Portuguese</b>
<b>Tulare Union High School</b> 426 North Blackstone Street Tulare, CA 93274	5	155	183	n/a
<b>Elim Elementary School</b> 7677 N. Lander Ave. Hilmar, CA 95324	n/a	n/a	140 bilingual program	2 bilingual program
<b>Tulare Western High School</b> 824 W. Maple Tulare, CA 93274	5	114	135	150
<b>Hilmar High</b> 7807 Lander Avenue Hilmar, CA 95324	3	83	98	105
<b>Los Banos High</b> 1966 11 <sup>th</sup> Street Los Banos, CA 93635	2	60	73	48
<b>Turlock High School</b> 1660 East Canal Drive Turlock, CA 95380	3	80	105	115
<b>John H. Pitman High</b> 2525 W, Christofferson Parkway Turlock, CA 95382	1	24	34	not offering this year
<b>San Jose High Academy</b> 275 North 24 <sup>th</sup> Street San Jose, CA 95116	3	41	138	n/a
<b>Peter Burnett Academy</b> 850 N. 2 <sup>nd</sup> Street San Jose, CA 95112	3	83	45	n/a
<b>John W. North High</b> 550 3 <sup>rd</sup> Street Riverside, CA 92507	1	22	not offering this year	not offering this year
<b>Sunny Hills High</b> 1801 Walburton Way Fullerton, CA 92833	3	83	110	not offering this year

<sup>1</sup> source: California Department of Education, Mr. Diniz Borges, Prof. Graça Castanho Portuguese Embassy in Washington, DC), Isabel Cabral Johnson (Principal of Elim Elementary)



<b>New Haven Elementary</b> 14600 S. Austin Road Manteca, CA 95336	1	24	not offering this year	not offering this year
<b>Total</b>		<b>769</b>	<b>1,061</b>	<b>786</b>

For some schools we haven't got 2007/2008 enrollment numbers yet. I considered the data of 2007/2008 and add it all up. Then, I assume that the schools for which there is no 07/08 data but for which there is 03/04 and/or 02/03 data, have maintained the level of enrollment.

#### **Enrollment in Portuguese - Growth patterns in seven of the twelve Californian schools:**

<b>Schools</b>	<b>Enrollments 02/03</b>	<b>Enrollments 03/04</b>	<b>Enrollments 07/08</b>	<b>Growth % 02/03 03/04</b>	<b>Growth % 03/04 07/08</b>
Tulare Union High School	155	183	n/a	<b>18%</b>	--
Tulare Western High School	114	135	150	<b>18%</b>	<b>11%</b>
Hilmar High	83	98	105	<b>18%</b>	<b>7%</b>
Los Banos High	60	73	48	<b>22%</b>	<b>-34%</b>
Turlock High School	80	105	115	<b>31%</b>	<b>10%</b>
John H. Pitman High	24	34	0	<b>42%</b>	<b>-100%</b>
Peter Burnett Middle	83	45	n/a	<b>- 46%</b>	--
San Jose High Academy	41	138	n/a	<b>237%</b>	--

Apart from Public Schools, Portuguese is taught in many private community centers in several US regions. These schools are supported by the Portuguese Government, with grants and materials. The programs are certified by the Portuguese Ministry of Education and range from kindergarten through 9<sup>th</sup> grade.

The following table lists the Californian Community schools of Portuguese<sup>1</sup>:

Schools	Number of Students, 00/01
Jorge Sena School	99
Five Wounds School	43
Saint Edward School	9
Sister Maria Amelia School	34
Portuguese School of Tulare (Vitorino Nemésio)	57
Our Lady of Fatima School – Antioch	19
Corte Real School	25
Our Lady of Fatima School – San Pablo	12
Mountain View School	11
Benicia School	32
Santa Ines School – San Diego	10
Portuguese School of Seattle	
Portuguese School of Gilroy	10
<b>Total</b>	<b>361</b>

Adding the enrollments of the Community Schools to the enrollments of the Public schools, we reach a total of **1,147** students enrolled in Portuguese classes in Californian K-12 schools.

---

<sup>1</sup> Source: Ministry of Education, Portugal

# Massachusetts

## Introduction

Massachusetts is home to thousands of Portuguese, Brazilian and Cape Verdean Americans.

The following data is based on various sources, namely from the report of the *Department of Education of the Commonwealth of Massachusetts*: “What We Know about Foreign Language Teaching and Learning in Massachusetts PreK-12” and from several World Language Directors in area schools and teachers. Special help was provided by the Portuguese Consul in New Bedford, Mr. Fernando Teles Fazendeiro and by Prof. Graça Castanho (Education Coordinator, *Portuguese Embassy in Washington, DC*) and Manuel Silva Pereira (Cultural Attaché, *Portuguese Embassy in Washington, DC*)

Portuguese was taught in **13** school districts in the academic year 2000-2001.

Contact Person for general information on issues related to the Portuguese Language in Massachusetts: Prof. Frank Sousa, Portuguese Department, University of Massachusetts, Dartmouth; Ph.: (508) 999-8255

## Schools Teaching Portuguese as Foreign Language and number of students enrolled in such classes (if available) in academic years 02/03, 03/04 and 07/08

Schools	02/03 # Students Enrolled in Portuguese	03/04 # Students Enrolled in Portuguese	07/08 # Students Enrolled in Portuguese
<b>Antioch School</b> (private) 618 ROCK ST Fall River, MA 02720	n/a	35	50
<b>Assabet Valley Vocational Regional High</b> Fitchburg Street Marlborough, MA 01752	61	85	n/a
<b>Bishop Connolly High</b> (private) 373 Elsbree Street Fall River, MA 02720	110 6 classes	110 6 classes	76 4 levels
<b>Bishop Stang</b> (private) 500 Slocum Rd N. Dartmouth, MA 02747	67 7 courses	66	111
<b>Brockton High School</b> 470 Forest Avenue Brockton, MA 02301	0	0	218 started course in 2005

<b>Cambridge Rindge and Latin High</b> (private) 459 Broadway Street Cambridge, MA 02138	73 5 levels	73 5 levels	42
<b>Coyle and Cassidy High</b> (private) 2 Hamilton Street Taunton, MA 02780	100	120	120
<b>Dartmouth High</b> 8 Bush Street Dartmouth, MA 02748	300	293	332
<b>Dartmouth Middle</b> 529 Hawthorn Street North Dartmouth, MA 02747	145	150	250
<b>Dighton-Rehoboth Regional High</b> 2700 Regional Road North Dighton, MA 02764	150	n/a	n/a
<b>Durfee High School</b> 360 Elsbree Street Fall River, MA 02720	650	548	700
<b>East Gate Christian Academy</b> (private) 397 Bay Street Fall River, MA 02724	31	n/a	n/a
<b>Edmond P. Talbot Middle</b> 124 Melrose Street Fall River, MA 02723	175	175	186
<b>Espírito Santo School</b> (private) 143 Everett Street Fall River, MA 02723	n/a	n/a	256
<b>Falmouth High</b> 874 Gifford Street Falmouth, MA 02540	65	88	67
<b>Henry Lord Middle</b> 151 Amity Street Fall River, MA 02721	160	162	65
<b>Hudson High</b> 69 Brigham Street Hudson, MA 01749	200	136	n/a
<b>James Morton Middle School</b> 376 President Avenue Fall River, 02720	170	n/a	206
<b>John F. Kennedy Middle</b> 201 Manning Street Hudson, MA 01749	n/a	102	n/a

<b>Joseph Case High School</b> 70 School Street Swansea, MA 02777	35	65	91
<b>King Open School</b> 850 Cambridge Street Cambridge, MA 02141	n/a	100 bilingual program	n/a
<b>Lowell High</b> 50 Fr. Morissette Blvd. Lowell, MA 01852	100	n/a	n/a
<b>Ludlow High</b> 500 Chapin Street Ludlow, MA 01056	n/a	n/a	141
<b>Martha's Vineyard Regional High</b> Edgartown-Vineyard Haven Rd. Oak Bluffs, MA 02557	n/a	n/a	n/a
<b>Matthew J. Kuss Middle</b> 290 Rock Street Fall River, MA 02720	116	180	n/a
<b>Milford High</b> 31 West Fountain Milford, MA 01757	n/a	n/a	n/a
<b>New Bedford High</b> 230 Hathaway Boulevard New Bedford, MA 02740	600	n/a	n/a
<b>Peabody Veterans Memorial High</b> 485 Lowell Street Peabody, MA 01960	n/a	n/a	126
<b>Potter Road Elementary</b> 492 Potter Road Framingham, MA 01701	n/a	182 bilingual program	93 bilingual program
<b>Seekonk High</b> 261 Arcade Avenue Seekonk, MA 02771	n/a	n/a	90
<b>Somerset High School</b> 625 County Street Somerset, MA 02726	162	n/a	257
<b>Somerset Middle</b> 1141 Brayton Avenue Somerset, MA 02726	300	425	198
<b>Somerville High</b> 81 Highland Avenue Somerville, MA 02143	124 7 classes 4 levels	n/a	n/a
<b>Westport High School</b> 19 Main Road Westport, MA 02790	n/a	116	149

<b>Woodrow Wilson Elementary</b> 169 Leland Street Framingham, MA 01702	n/a	155 bilingual program	n/a
<b>Taunton High</b> 50 Williams Street Taunton, MA 02780	200	297	264
<b>Total</b>	<b>4,394</b>	<b>5,150</b>	<b>5,851</b>

#### Portuguese in and around Boston:

Madison Park Technical Vocational  
Umana/Barnes  
Otis  
Jackson-Mann

#### Important Note on the Data from Massachusetts:

As of this date we identified **40** schools teaching Portuguese in this state. As is explicit, the majority are public secondary schools. There are some private and there are some (always indicated) that teach bilingual programs in Portuguese. I decided to keep the latter, because I believe that the information is also relevant for the College Board for two reasons: firstly, if a certain school has the structure to use Portuguese in bilingual projects then one can expect that an eventual creation of a course in Portuguese as a second language will be easier; secondly, it means that a significant part of their school body is of Portuguese or Brazilian or Cape-verdean heritage.

Since it is important to have an idea of the total number of enrollments but, at the same time there are schools for which we only have data on one of the academic years, I decided to apply the following techniques:

I considered the data of 2007/2008 and add it all up. Then, I assume, conservatively, that the schools for which there is no 07/08 data but for which there is 03/04 and/or 02/03 data, have maintained the level of enrollment. In this exercise “you loose some” and “you win something”, but considering the schools for which we have data from all three years, I believe that assuming a stable level of enrollments, rather than an increase, is a conservative attitude.

Therefore the number arrived at by applying this methodology is: **5,851** students enrolled in Portuguese.

Furthermore, there are six schools for which we have no data regarding enrollments. If we conservatively assume that to offer Portuguese the school has at least one class, and assuming that the class of Portuguese has only 25 students, by multiplying 25 times 6, we have an estimated additional **150** students enrolled in Portuguese courses.

That gives us a total of **6,001**.

The following table lists the Private Portuguese Community schools of Massachusetts<sup>1</sup>:

Schools	Number of Students, 00/01
Portuguese Schools of Fall River	34
Portuguese United for Education	76
Portuguese School at Taunton	43
“Casa da Saudade” Portuguese School	37
Antioch Scholl – Fall River	35
Norwood Portuguese School	11
Cambridge Portuguese School	51
Peabody Portuguese School	68
Ludlow Portuguese School	38
Milford Portuguese School	55
Hudson Portuguese School	18
Framingham Portuguese School	10
<b>Total</b>	<b>476</b>

If we add the students enrolled in Community Schools to the previously reached total, the result is **6,477** students enrolled in Portuguese classes in K-12 schools in Massachusetts.

---

<sup>1</sup>Source: Ministry of Education, Portugal

## Rhode Island

Portuguese Americans are one of the largest minorities of this State.

Research concerning Portuguese classes in this State is essentially based on a report commissioned by the Luso-American Foundation to Dr. Carolina M. Batista in the summer of 2001.

Sources: Carolina Batista, Suzette Almeida-Louro (Portsmouth High), Kathleen P. Forrester (Chair, Foreign Language Department Charles E. Shea Senior High, Pawtucket), Prof. Graça Castanho (Education Coordinator, Portuguese Embassy in Washington, DC).

**Schools Teaching Portuguese as a Second Language and number of students enrolled in such classes (if available).**

<b>Schools</b>	<b>01/02 # Students Enrolled in Portuguese</b>	<b>03/04 # Students Enrolled in Portuguese</b>	<b>07/08 # Students Enrolled in Portuguese</b>
<b>Mt. Hope High School</b> 199 Chestnut St. Pawtucket, RI 028009	118	179	n/a
<b>Cumberland High School</b> 2600 Mendon Rd. Cumberland, RI 02864	32	57	n/a
<b>East Providence High School</b> 2000 Pawtucket Ave. East Providence, RI 02914	308	321	318
<b>Edward Martin Junior High</b> 111 Brown St. East Providence, RI 02914	125	200	n/a
<b>International Charter School</b> 334 Pleasant St. Pawtucket, RI 02860	n/a	58 dual language program	97 dual language program
<b>Our Lady of Fatima High School (private)</b> 360 Market Street Warren, RI 02885	n/a	30	n/a
<b>Portsmouth High School</b> 120 Educational Lane Portsmouth, RI 02871	140	115	125
<b>Portsmouth Middle School</b> 125 Jepson Lane Portsmouth, RI 02871	0	0	60 started this year



<b>Riverside Junior High</b> 179 Forbes St. Riverside RI 02915	75	248	n/a
<b>Tiverton Middle School</b> 10 Quintal Drive Tiverton, RI 02878	n/a	n/a	n/a
<b>Tiverton High School</b> 100 North Brayton Rd. Tiverton RI 02878	58	109	106
<b>Charles E. Shea Senior High School</b> 485 East Avenue Pawtucket, RI 02860	n/a	n/a	n/a
<b>Total</b>	<b>856</b>	<b>1,317</b>	<b>1,420</b>

To reach the **1,420** total, I used the methodology of maintaining the number of students from 01/02 or 03/04 in schools on which we didn't get a 07/08 information update yet. As you can see, the schools on which we have 07/08 numbers have almost maintained their enrollment.

To this we can add 50 more applying the same methodology concerning schools we have identified as teaching Portuguese but for which, as yet, we have no data (2 schools x 25).

That represents a total of **1,470**.

**This table shows the Private Portuguese Community Schools and their enrollment numbers for 2000/2001<sup>1</sup>**

<b>Schools</b>	<b>Number of Students, 00/01</b>
Bristol Portuguese School	23
East Providence Portuguese School	30
Pawtucket Portuguese School	51
Cumberland Portuguese School	92
Cranston Portuguese School	35
<b>Total</b>	<b>231</b>

The total enrollments in Portuguese in Rhode Island are **1,701**.

---

<sup>1</sup> Source: Ministry of Education, Portugal

## Connecticut

Although there are several thousand Portuguese Americans in this State, Portuguese is not widely taught. This aspect actually qualifies this State as strategic priority in terms of areas where more investment should be made by the *Luso-American Foundation* and by Portuguese authorities. We have identified two schools teaching Portuguese in Bridgeport:

Schools	07/08 # Students Enrolled in Portuguese
<b>Central High School</b> 1 Lincoln Boulevard Bridgeport, CT 06606	n/a
<b>Multicultural Magnet School</b> 700 Palisade Avenue Bridgeport, CT 06610	144

According to a report on World Language availability, published by Connecticut's Department of Education, Portuguese is present in bilingual education. In the 03/04 academic year **11** schools had Portuguese bilingual programs, in which **536** children were enrolled.

Cities where initial attention should be focused are Danbury and Hartford.

Applying the same methodology concerning schools we have identified as teaching Portuguese, but from which, as yet, we have no data, we attribute 25 students to Central High School.

Adding the bilingual programs to the Portuguese classes we reach the total of **705** students learning Portuguese in Connecticut.

## New York

This State should also deserve more attention in the future and be a more intense destination of resources. There are many accounts of an exponentially growing Brazilian population and the Portuguese American population is also significant.

New York State's Education Department told us that Portuguese was only being taught in one public school: Long Island City High School. The Department informed us that in the academic year of 2005/2006, there were 46 students enrolled in Portuguese at this school and that the course was dropped in 2006/2007. We are still waiting for a confirmation from the school.

**There are many community Portuguese schools in New York. The following table lists them<sup>1</sup>:**

Schools	Number of Students 00/01
Santa Isabel School	30
João de Deus	34
Magellane School	21
Júlio Dinis School	102
Sa Carneiro School	8
Henry the Navigator School	80
Nuno Alves Pereira School	60
Antero Figueiredo School	75
S. Teutonio School	10
<b>Total</b>	<b>420</b>

---

<sup>1</sup> Source: Ministry of Education, Portugal

## New Jersey

New Jersey is home to a very significant part of the Portuguese American population. Newark and surrounding areas are believed to constitute the region with the highest density of Portuguese Americans.

According to an estimate of the Portuguese Consulate in Newark, each academic year there are around 6,000 students claiming Portuguese heritage enrolled in the Public School System.

Mainly thinking of the lack of data concerning New Jersey, the Foundation asked PALCUS – Portuguese American Leadership Council of the United States, an association that represents Portuguese Americans in Washington DC, to launch an appeal for information on schools teaching Portuguese. We received over 100 e-mails with specific and relevant information dealing with many cities all over the United States, and with information about both high schools and universities.

The first important aspect to note about New Jersey is that this State has the most significant network of Portuguese weekend schools. There are 17 such schools and the total number of students enrolled in the academic year 2003-2004 was 1,197.

In terms of bilingual education – in a sense also a measure of future potential students of Portuguese as a second language, there were **1,800** children enrolled in such programs in 03/04. This number comes from the Portuguese Consulate.

In terms of public schools, the following table summarizes findings up to now:

<b>Schools</b>	<b>03/04 # Students Enrolled in Portuguese</b>
Elizabeth High School	360
East Side High School	129
Ann Street Middle School	200
Lafayette Street Middle School	125
<b>Total</b>	<b>814</b>

The following table lists Portuguese Community Schools in New Jersey<sup>1</sup>:

Schools	00/01 # Students
S. James School	55
San Benedict School	77
Harrison School	68
Vasco da Gama School	25
Gil Vicente School	32
Kearney School	109
D. Dinis School	44
Amadeu Correia School	261
Union School	126
River Side School	24
Henry the Navigator School	89
Luis Camoes	198
Lusitania School	68
Perth Amboy School	68
Alice Friendly School	85
Clark School	28
<b>Total</b>	<b>1,357</b>

The total enrollments in Portuguese in the State of New Jersey are **3,971**.

---

<sup>1</sup> Source: Ministry of Education, Portugal

## Florida

Florida is the main destination of Brazilian emigration to the US. This population is mainly concentrated in Broward and Miami-Dade counties. The Brazilian consulate in Miami is active in educational issues. Recently, they signed an agreement with Broward County to develop Portuguese-English bilingual programs.

According to Florida's Department of Education, in the academic year of 03/04 there were three high-schools that taught Portuguese as a World Language. This data was obtained from:

Brenda Lee, Foreign Language/ESOL Specialist  
Florida Department of Education  
Brenda.Lee@fldoe.org – Ph.: (850) 245-0894

Recently, we discovered two other schools teaching Portuguese in Florida. The following table summarizes our findings and the information provided by Ms. Brenda Lee:

Schools	03/04 # Students Enrolled in Portuguese	07/08 # Students Enrolled in Portuguese
<b>Ada Merritt K-8 Center</b> 660 SW 3 <sup>rd</sup> Street Miami, FL 33130	n/a	175
<b>Cypress Creek High School</b> 1101 Bear Crossing Drive Orlando, FL 32824	74	64
<b>Leto High School</b> 4409 W. Sligh Ave. Tampa, FL 33614	n/a	n/a
<b>Miami Beach Senior High School</b> 2231 Prairie Avenue Miami Beach, FL 33139	71	122
<b>Southwest Miami Senior High School</b> 8855 SW 50 <sup>th</sup> Terrace Miami-Dade, FL 33165	32	22
<b>Total</b>	<b>177</b>	<b>383</b>

To this we can add 25 more applying the same methodology concerning schools we have identified as teaching Portuguese but for which we, as yet, have no data (1 school x 25). With this, we reach **408** students enrolled in Portuguese in Florida.



## Georgia

The Fundação Luso-Americana gave a grant to Middlebury School, through which some Cobb County teachers had intensive training in order to teach Portuguese.

Portuguese should already be implemented in schools in Cobb County. We were told that Portuguese is being taught in one high school but we are still waiting for confirmation from the school and the school district.

By adding up the results from all the states where Portuguese is being taught, we reach an estimate of **14,829** students learning Portuguese in American K-12 schools in the current school year.





## Anexo 4

### Relatório MLA

A *Modern Language Association* (MLA) é uma das mais importantes associações académicas norte-americanas, com mais de 30.000 membros em 100 países. A MLA foi criada em 1883 com o objectivo de fomentar a partilha de investigação académica e experiências de ensino entre os professores e promover o debate de assuntos de interesse para o meio académico. Ao longo dos anos a MLA tem conduzido e publicado dezenas de estudos sobre variados temas da vida académica, principalmente nas áreas do ensino de inglês e de outras línguas modernas.

Na década de 60 a MLA começou a estudar os dados estatísticos relativos ao ensino de línguas estrangeiras em universidades norte-americanas. O relatório aqui apresentado é parte integrante do mais recente levantamento do MLA: “Enrollments in Languages other than English in United States Institutions of Higher Education, Fall 2006 (Web publication, 13 November 2007, [www.mla.org](http://www.mla.org)) e lista todas as universidades dos EUA que ensinam português. Trata-se portanto de um importante instrumento de trabalho para melhor compreender o estado actual do ensino da língua portuguesa nos EUA.

Os dados de 2006 mostram um crescimento de 22.4% desde 2002 (data do anterior levantamento), de 8.385 para 10.267 alunos. A língua portuguesa é a 13ª língua mais estudada nas universidades dos EUA, 9ª entre as línguas vivas e sem contar com a linguagem gestual. Segundo a MLA existem 226 universidades a ensinar a língua portuguesa nos Estados Unidos.



## Fall 2006 Enrollments in Portuguese, by State

State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>AL</b>							
	4yr						
		Samford U	6	0	6	0	6
		U of Alabama, Tuscaloosa	12	0	12	0	12
		<i>Summary for level = 4yr (2 institutions)</i>	<i>18</i>	<i>0</i>	<i>18</i>	<i>0</i>	<i>18</i>
		<b>Summary for state = AL (2 institutions)</b>	<b>18</b>	<b>0</b>	<b>18</b>	<b>0</b>	<b>18</b>
<b>AZ</b>							
	2yr						
		Mesa Comm C	23	0	23	0	23
		Phoenix C	12	0	12	0	12
		Pima Comm C, East	20	0	20	0	20
		<i>Summary for level = 2yr (3 institutions)</i>	<i>55</i>	<i>0</i>	<i>55</i>	<i>0</i>	<i>55</i>
	4yr						
		Arizona SU	81	23	104	3	107
		Thunderbird Sch of Intl Management	0	0	0	0	0
		U of Arizona	17	201	218	6	224
		<i>Summary for level = 4yr (3 institutions)</i>	<i>98</i>	<i>224</i>	<i>322</i>	<i>9</i>	<i>331</i>
		<b>Summary for state = AZ (6 institutions)</b>	<b>153</b>	<b>224</b>	<b>377</b>	<b>9</b>	<b>386</b>

State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>CA</b>							
	2yr						
		C of the Sequoias	18	0	18	0	18
		Cypress C	18	0	18	0	18
		Defense Language Inst	10	0	10	0	10
		Fullerton C	29	0	29	0	29
		Los Angeles City C	0	0	0	0	0
		Mission C	42	0	42	0	42
		Pasadena City C	19	0	19	0	19
		Solano Comm C	28	0	28	0	28
		Southwestern C	54	0	54	0	54
		<i>Summary for level = 2yr (9 institutions)</i>	<i>218</i>	<i>0</i>	<i>218</i>	<i>0</i>	<i>218</i>
	4yr						
		California SU, Chico	13	0	13	0	13
		California SU, Fresno	26	0	26	0	26
		California SU, Fullerton	23	1	24	0	24
		California SU, Long Beach	24	0	24	0	24
		California SU, Los Angeles	18	0	18	0	18
		California SU, Stanislaus	18	8	26	0	26
		Claremont McKenna C	0	0	0	0	0
		San Diego SU	69	41	110	0	110
		San Jose SU	40	4	44	0	44
		Stanford U	29	2	31	0	31
		U of California, Berkeley	19	178	197	7	204
		U of California, Irvine	19	0	19	0	19
		U of California, Los Angeles	62	24	86	14	100
		U of California, Riverside	17	0	17	0	17
		U of California, San Diego	35	0	35	17	52
		U of California, Santa Barbara	69	6	75	1	76
		U of California, Santa Cruz	78	1	79	0	79
		U of San Francisco	16	0	16	0	16
		U of Southern California	15	0	15	0	15
		<i>Summary for level = 4yr (19 institutions)</i>	<i>590</i>	<i>265</i>	<i>855</i>	<i>39</i>	<i>894</i>
		<b>Summary for state = CA (28 institutions)</b>	<b>808</b>	<b>265</b>	<b>1073</b>	<b>39</b>	<b>1112</b>

State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>CO</b>							
	4yr						
		Colorado Sch of Mines	16	0	16	0	16
		U of Colorado	59	4	63	0	63
		U of Denver	0	0	0	18	18
		<i>Summary for level = 4yr (3 institutions)</i>	<i>75</i>	<i>4</i>	<i>79</i>	<i>18</i>	<i>97</i>
		<b>Summary for state = CO (3 institutions)</b>	<b>75</b>	<b>4</b>	<b>79</b>	<b>18</b>	<b>97</b>
<b>CT</b>							
	4yr						
		Central Connecticut SU	22	0	22	0	22
		Trinity C	0	0	0	0	0
		U of Connecticut	12	0	12	0	12
		Wesleyan U	4	0	4	0	4
		Yale U	62	16	78	7	85
		<i>Summary for level = 4yr (5 institutions)</i>	<i>100</i>	<i>16</i>	<i>116</i>	<i>7</i>	<i>123</i>
		<b>Summary for state = CT (5 institutions)</b>	<b>100</b>	<b>16</b>	<b>116</b>	<b>7</b>	<b>123</b>
<b>DC</b>							
	4yr						
		George Washington U	15	0	15	0	15
		Georgetown U	111	7	118	1	119
		Howard U	34	0	34	0	34
		Johns Hopkins U, Sch of Advanced Intl Studies	0	0	0	29	29
		U of the District of Columbia	7	0	7	0	7
		<i>Summary for level = 4yr (5 institutions)</i>	<i>167</i>	<i>7</i>	<i>174</i>	<i>30</i>	<i>204</i>
		<b>Summary for state = DC (5 institutions)</b>	<b>167</b>	<b>7</b>	<b>174</b>	<b>30</b>	<b>204</b>

State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>FL</b>							
	2yr						
		Valencia Comm C	44	0	44	0	44
		<i>Summary for level = 2yr (1 institution)</i>	<i>44</i>	<i>0</i>	<i>44</i>	<i>0</i>	<i>44</i>
	4yr						
		Florida Intl U	30	187	217	51	268
		Florida SU	23	15	38	3	41
		Miami-Dade C	52	0	52	0	52
		Rollins C	0	0	0	0	0
		U of Central Florida	25	0	25	0	25
		U of Florida	56	61	117	11	128
		U of Miami	70	6	76	3	79
		U of North Florida	27	0	27	0	27
		U of South Florida	22	0	22	0	22
		<i>Summary for level = 4yr (9 institutions)</i>	<i>305</i>	<i>269</i>	<i>574</i>	<i>68</i>	<i>642</i>
		<b>Summary for state = FL (10 institutions)</b>	<b>349</b>	<b>269</b>	<b>618</b>	<b>68</b>	<b>686</b>
<b>GA</b>							
	2yr						
		Georgia Perimeter C	20	0	20	0	20
		<i>Summary for level = 2yr (1 institution)</i>	<i>20</i>	<i>0</i>	<i>20</i>	<i>0</i>	<i>20</i>
	4yr						
		Emory U	31	3	34	0	34
		Georgia SU	40	0	40	0	40
		U of Georgia	220	49	269	16	285
		<i>Summary for level = 4yr (3 institutions)</i>	<i>291</i>	<i>52</i>	<i>343</i>	<i>16</i>	<i>359</i>
		<b>Summary for state = GA (4 institutions)</b>	<b>311</b>	<b>52</b>	<b>363</b>	<b>16</b>	<b>379</b>
<b>HI</b>							
	4yr						
		U of Hawaii, Manoa	42	0	42	0	42
		<i>Summary for level = 4yr (1 institution)</i>	<i>42</i>	<i>0</i>	<i>42</i>	<i>0</i>	<i>42</i>
		<b>Summary for state = HI (1 institution)</b>	<b>42</b>	<b>0</b>	<b>42</b>	<b>0</b>	<b>42</b>
<b>IA</b>							
	4yr						
		Iowa SU	20	0	20	1	21
		U of Iowa	17	18	35	0	35
		U of Northern Iowa	33	6	39	2	41
		<i>Summary for level = 4yr (3 institutions)</i>	<i>70</i>	<i>24</i>	<i>94</i>	<i>3</i>	<i>97</i>
		<b>Summary for state = IA (3 institutions)</b>	<b>70</b>	<b>24</b>	<b>94</b>	<b>3</b>	<b>97</b>

State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>IL</b>							
	2yr						
		Joliet JrC	0	0	0	0	0
		<i>Summary for level = 2yr (1 institution)</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>
	4yr						
		Northeastern Illinois U	22	0	22	0	22
		Northern Illinois U	25	0	25	2	27
		Northwestern U	28	0	28	0	28
		Southern Illinois U, Carbondale	0	0	0	0	0
		U of Chicago	29	4	33	0	33
		U of Illinois	45	1	46	17	63
		U of Illinois, Chicago	24	0	24	0	24
		<i>Summary for level = 4yr (7 institutions)</i>	<i>173</i>	<i>5</i>	<i>178</i>	<i>19</i>	<i>197</i>
		<b>Summary for state = IL (8 institutions)</b>	<b>173</b>	<b>5</b>	<b>178</b>	<b>19</b>	<b>197</b>
<b>IN</b>							
	4yr						
		DePauw U	13	0	13	0	13
		Indiana U	45	11	56	22	78
		Purdue U	111	5	116	0	116
		Purdue U, Calumet	1	0	1	0	1
		U of Notre Dame	33	8	41	0	41
		<i>Summary for level = 4yr (5 institutions)</i>	<i>203</i>	<i>24</i>	<i>227</i>	<i>22</i>	<i>249</i>
		<b>Summary for state = IN (5 institutions)</b>	<b>203</b>	<b>24</b>	<b>227</b>	<b>22</b>	<b>249</b>
<b>KS</b>							
	2yr						
		Johnson County Comm C	11	0	11	0	11
		<i>Summary for level = 2yr (1 institution)</i>	<i>11</i>	<i>0</i>	<i>11</i>	<i>0</i>	<i>11</i>
	4yr						
		Friends U	16	0	16	0	16
		Pittsburg SU	2	0	2	0	2
		U of Kansas	45	0	45	0	45
		<i>Summary for level = 4yr (3 institutions)</i>	<i>63</i>	<i>0</i>	<i>63</i>	<i>0</i>	<i>63</i>
		<b>Summary for state = KS (4 institutions)</b>	<b>74</b>	<b>0</b>	<b>74</b>	<b>0</b>	<b>74</b>
<b>KY</b>							
	4yr						
		U of Louisville	23	20	43	0	43
		<i>Summary for level = 4yr (1 institution)</i>	<i>23</i>	<i>20</i>	<i>43</i>	<i>0</i>	<i>43</i>
		<b>Summary for state = KY (1 institution)</b>	<b>23</b>	<b>20</b>	<b>43</b>	<b>0</b>	<b>43</b>
<hr/>							
Portuguese			MLA Fall 2006 Language Enrollment Survey				Page 5 of 14

State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>LA</b>							
	4yr						
		Dillard U	10	0	10	0	10
		Louisiana SU & A&M C	28	0	28	0	28
		Tulane U	29	4	33	11	44
		<i>Summary for level = 4yr (3 institutions)</i>	<i>67</i>	<i>4</i>	<i>71</i>	<i>11</i>	<i>82</i>
		<b>Summary for state = LA (3 institutions)</b>	<b>67</b>	<b>4</b>	<b>71</b>	<b>11</b>	<b>82</b>
<b>MA</b>							
	2yr						
		Bristol Comm C	129	31	160	0	160
		Bunker Hill Comm C	11	0	11	0	11
		Cape Cod Comm C	28	0	28	0	28
		Massasoit Comm C	42	0	42	0	42
		Middlesex Comm C	15	0	15	0	15
		<i>Summary for level = 2yr (5 institutions)</i>	<i>225</i>	<i>31</i>	<i>256</i>	<i>0</i>	<i>256</i>
	4yr						
		Boston C	16	6	22	0	22
		Boston U	0	193	193	1	194
		Bridgewater SC	62	0	62	0	62
		C of Our Lady of the Elms	0	0	0	0	0
		Framingham SC	37	0	37	0	37
		Harvard U	113	24	137	21	158
		Smith C	62	1	63	0	63
		U of Massachusetts, Amherst	106	32	138	5	143
		U of Massachusetts, Boston	54	10	64	0	64
		U of Massachusetts, Dartmouth	213	55	268	37	305
		<i>Summary for level = 4yr (10 institutions)</i>	<i>663</i>	<i>321</i>	<i>984</i>	<i>64</i>	<i>1048</i>
		<b>Summary for state = MA (15 institutions)</b>	<b>888</b>	<b>352</b>	<b>1240</b>	<b>64</b>	<b>1304</b>
<b>MD</b>							
	4yr						
		Johns Hopkins U	12	2	14	0	14
		Mt St Mary's U	2	0	2	0	2
		U of Maryland	45	0	45	0	45
		<i>Summary for level = 4yr (3 institutions)</i>	<i>59</i>	<i>2</i>	<i>61</i>	<i>0</i>	<i>61</i>
		<b>Summary for state = MD (3 institutions)</b>	<b>59</b>	<b>2</b>	<b>61</b>	<b>0</b>	<b>61</b>



State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>ME</b>							
	4yr						
		U of Maine, Orono	7	0	7	0	7
		<i>Summary for level = 4yr (1 institution)</i>	7	0	7	0	7
		<b>Summary for state = ME (1 institution)</b>	<b>7</b>	<b>0</b>	<b>7</b>	<b>0</b>	<b>7</b>
<b>MI</b>							
	4yr						
		Andrews U	20	0	20	0	20
		Kalamazoo C	0	0	0	0	0
		Michigan SU	44	7	51	0	51
		Northern Michigan U	13	0	13	0	13
		U of Detroit Mercy	4	0	4	0	4
		U of Michigan	40	13	53	0	53
		<i>Summary for level = 4yr (6 institutions)</i>	121	20	141	0	141
		<b>Summary for state = MI (6 institutions)</b>	<b>121</b>	<b>20</b>	<b>141</b>	<b>0</b>	<b>141</b>
<b>MN</b>							
	4yr						
		Macalester C	23	0	23	0	23
		U of Minnesota, Twin Cities	62	25	87	9	96
		<i>Summary for level = 4yr (2 institutions)</i>	85	25	110	9	119
		<b>Summary for state = MN (2 institutions)</b>	<b>85</b>	<b>25</b>	<b>110</b>	<b>9</b>	<b>119</b>
<b>MO</b>							
	4yr						
		Missouri SU	11	0	11	0	11
		Truman SU	20	0	20	0	20
		U of Missouri, Columbia	18	0	18	0	18
		Washington U	27	4	31	0	31
		<i>Summary for level = 4yr (4 institutions)</i>	76	4	80	0	80
		<b>Summary for state = MO (4 institutions)</b>	<b>76</b>	<b>4</b>	<b>80</b>	<b>0</b>	<b>80</b>
<b>MS</b>							
	4yr						
		U of Mississippi	24	0	24	0	24
		<i>Summary for level = 4yr (1 institution)</i>	24	0	24	0	24
		<b>Summary for state = MS (1 institution)</b>	<b>24</b>	<b>0</b>	<b>24</b>	<b>0</b>	<b>24</b>

State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>NC</b>							
	4yr						
		Davidson C	5	0	5	0	5
		Duke U	47	7	54	0	54
		North Carolina A&T SU	19	0	19	0	19
		North Carolina SU	19	0	19	0	19
		U of North Carolina, Asheville	13	0	13	0	13
		U of North Carolina, Chapel Hill	294	42	336	0	336
		U of North Carolina, Charlotte	31	0	31	0	31
		U of North Carolina, Greensboro	23	0	23	0	23
		U of North Carolina, Wilmington	73	0	73	0	73
		Winston-Salem SU	25	9	34	0	34
		<i>Summary for level = 4yr (10 institutions)</i>	<i>549</i>	<i>58</i>	<i>607</i>	<i>0</i>	<i>607</i>
		<b>Summary for state = NC (10 institutions)</b>	<b>549</b>	<b>58</b>	<b>607</b>	<b>0</b>	<b>607</b>
<b>NH</b>							
	4yr						
		Dartmouth C	0	39	39	0	39
		U of New Hampshire	24	0	24	0	24
		<i>Summary for level = 4yr (2 institutions)</i>	<i>24</i>	<i>39</i>	<i>63</i>	<i>0</i>	<i>63</i>
		<b>Summary for state = NH (2 institutions)</b>	<b>24</b>	<b>39</b>	<b>63</b>	<b>0</b>	<b>63</b>
<b>NJ</b>							
	4yr						
		Kean U	28	0	28	0	28
		Montclair SU	30	0	30	0	30
		Princeton U	54	8	62	4	66
		Rutgers U	125	17	142	0	142
		Rutgers U, Newark	55	92	147	0	147
		William Paterson U	21	0	21	0	21
		<i>Summary for level = 4yr (6 institutions)</i>	<i>313</i>	<i>117</i>	<i>430</i>	<i>4</i>	<i>434</i>
		<b>Summary for state = NJ (6 institutions)</b>	<b>313</b>	<b>117</b>	<b>430</b>	<b>4</b>	<b>434</b>

State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>NM</b>							
	2yr						
		New Mexico SU, Dona Ana	32	7	39	0	39
		<i>Summary for level = 2yr (1 institution)</i>	32	7	39	0	39
	4yr						
		New Mexico SU	32	7	39	0	39
		U of New Mexico	50	20	70	15	85
		<i>Summary for level = 4yr (2 institutions)</i>	82	27	109	15	124
		<b>Summary for state = NM (3 institutions)</b>	<b>114</b>	<b>34</b>	<b>148</b>	<b>15</b>	<b>163</b>
<b>NV</b>							
	4yr						
		C of Southern Nevada	20	0	20	0	20
		<i>Summary for level = 4yr (1 institution)</i>	20	0	20	0	20
		<b>Summary for state = NV (1 institution)</b>	<b>20</b>	<b>0</b>	<b>20</b>	<b>0</b>	<b>20</b>

State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>NY</b>							
	2yr						
		Nassau Comm C	17	0	17	0	17
		<i>Summary for level = 2yr (1 institution)</i>	<i>17</i>	<i>0</i>	<i>17</i>	<i>0</i>	<i>17</i>
	4yr						
		Barnard C	8	1	9	0	9
		Columbia U	75	14	89	0	89
		Cornell U	31	8	39	4	43
		CUNY, City C	28	0	28	0	28
		CUNY, John Jay C of Criminal Justice	22	0	22	0	22
		CUNY, Queens C	5	0	5	0	5
		Hofstra U	20	0	20	2	22
		Manhattanville C	24	0	24	0	24
		New School, The	1	9	10	7	17
		New York U	52	6	58	0	58
		Pace U	48	0	48	0	48
		Rochester Inst of Tech	11	0	11	0	11
		Sarah Lawrence C	0	1	1	0	1
		Skidmore C	5	0	5	0	5
		SU of New York, Binghamton U	13	0	13	0	13
		SU of New York, C at Oswego	14	0	14	0	14
		SU of New York, U at Albany	23	5	28	0	28
		Syracuse U	21	0	21	0	21
		US Military Acad	159	57	216	0	216
		Vassar C	16	1	17	0	17
		<i>Summary for level = 4yr (20 institutions)</i>	<i>576</i>	<i>102</i>	<i>678</i>	<i>13</i>	<i>691</i>
		<b>Summary for state = NY (21 institutions)</b>	<b>593</b>	<b>102</b>	<b>695</b>	<b>13</b>	<b>708</b>

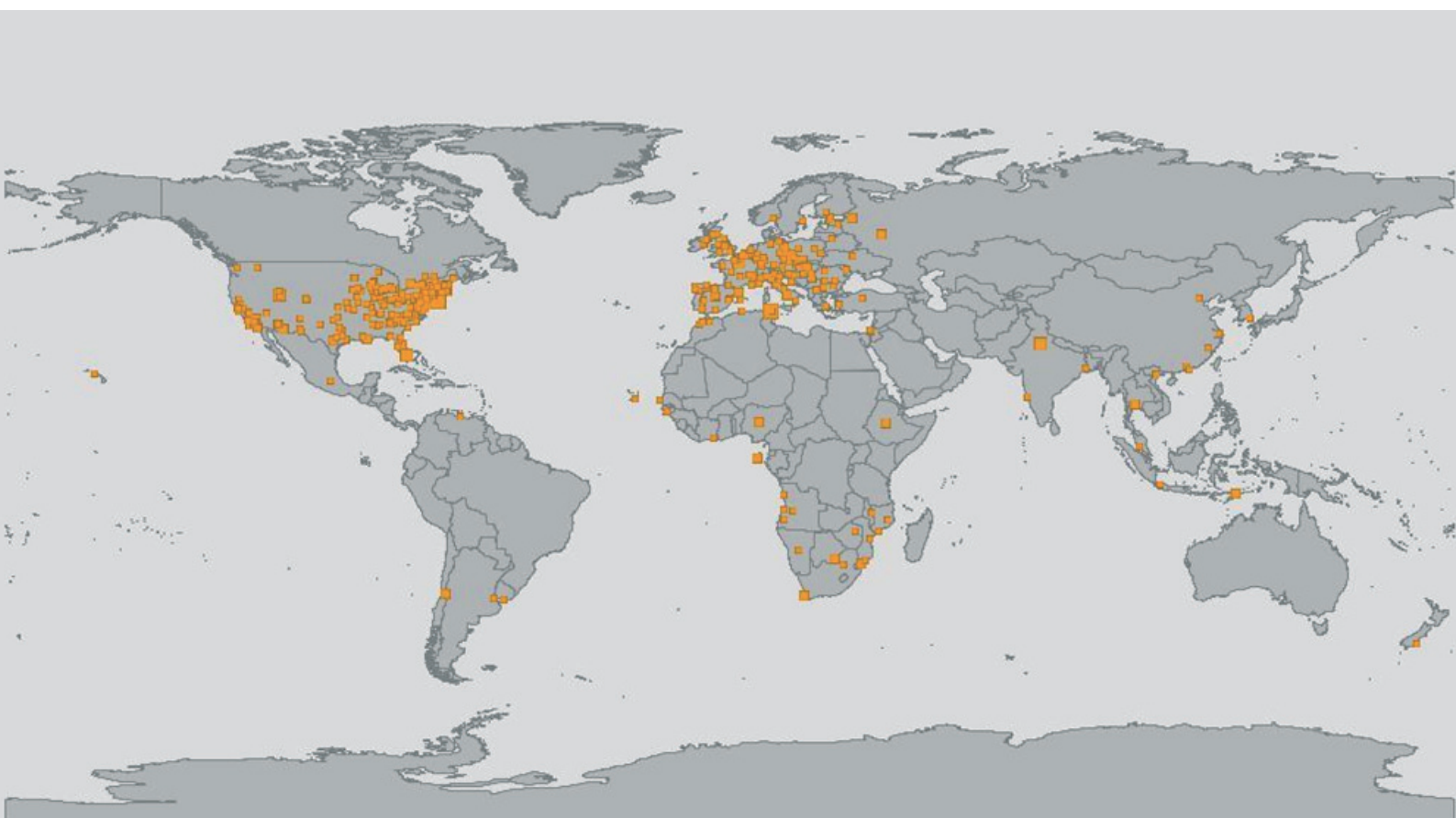
State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>OH</b>							
	<i>4yr</i>						
		Kent SU	13	0	13	0	13
		Marietta C	11	0	11	0	11
		Miami U	28	6	34	0	34
		Miami U, Hamilton	0	0	0	0	0
		Ohio SU	88	9	97	0	97
		Ohio U	5	0	5	6	11
		U of Cincinnati	12	0	12	5	17
		Wright SU	9	0	9	0	9
		<i>Summary for level = 4yr (8 institutions)</i>	<i>166</i>	<i>15</i>	<i>181</i>	<i>11</i>	<i>192</i>
<b>Summary for state = OH (8 institutions)</b>			<b>166</b>	<b>15</b>	<b>181</b>	<b>11</b>	<b>192</b>
<b>OK</b>							
	<i>4yr</i>						
		Cameron U	0	5	5	0	5
		U of Oklahoma	12	5	17	0	17
		<i>Summary for level = 4yr (2 institutions)</i>	<i>12</i>	<i>10</i>	<i>22</i>	<i>0</i>	<i>22</i>
<b>Summary for state = OK (2 institutions)</b>			<b>12</b>	<b>10</b>	<b>22</b>	<b>0</b>	<b>22</b>
<b>PA</b>							
	<i>4yr</i>						
		Penn State U	39	6	45	0	45
		Swarthmore C	0	1	1	0	1
		Temple U	23	10	33	2	35
		U of Pennsylvania	39	5	44	0	44
		U of Pittsburgh	89	7	96	0	96
		U of Scranton	10	0	10	0	10
		<i>Summary for level = 4yr (6 institutions)</i>	<i>200</i>	<i>29</i>	<i>229</i>	<i>2</i>	<i>231</i>
<b>Summary for state = PA (6 institutions)</b>			<b>200</b>	<b>29</b>	<b>229</b>	<b>2</b>	<b>231</b>

State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>RI</b>							
	2yr						
		Comm C of Rhode Island	61	0	61	0	61
		<i>Summary for level = 2yr (1 institution)</i>	<i>61</i>	<i>0</i>	<i>61</i>	<i>0</i>	<i>61</i>
	4yr						
		Brown U	51	39	90	20	110
		Rhode Island C	57	25	82	0	82
		Roger Williams U	8	2	10	0	10
		Salve Regina U	24	0	24	0	24
		U of Rhode Island	102	0	102	0	102
		<i>Summary for level = 4yr (5 institutions)</i>	<i>242</i>	<i>66</i>	<i>308</i>	<i>20</i>	<i>328</i>
		<b>Summary for state = RI (6 institutions)</b>	<b>303</b>	<b>66</b>	<b>369</b>	<b>20</b>	<b>389</b>
<b>SC</b>							
	4yr						
		C of Charleston	45	0	45	0	45
		Clemson U	0	0	0	0	0
		Presbyterian C	15	0	15	0	15
		U of South Carolina, Columbia	42	11	53	0	53
		<i>Summary for level = 4yr (4 institutions)</i>	<i>102</i>	<i>11</i>	<i>113</i>	<i>0</i>	<i>113</i>
		<b>Summary for state = SC (4 institutions)</b>	<b>102</b>	<b>11</b>	<b>113</b>	<b>0</b>	<b>113</b>
<b>TN</b>							
	4yr						
		Middle Tennessee U	34	0	34	0	34
		U of Memphis	0	8	8	9	17
		U of Tennessee, Knoxville	117	37	154	2	156
		U of Tennessee, Martin	0	0	0	0	0
		Vanderbilt U	31	7	38	20	58
		<i>Summary for level = 4yr (5 institutions)</i>	<i>182</i>	<i>52</i>	<i>234</i>	<i>31</i>	<i>265</i>
		<b>Summary for state = TN (5 institutions)</b>	<b>182</b>	<b>52</b>	<b>234</b>	<b>31</b>	<b>265</b>

State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>TX</b>							
	2yr						
		Brookhaven C	5	0	5	0	5
		Richland C	13	0	13	0	13
		<i>Summary for level = 2yr (2 institutions)</i>	<i>18</i>	<i>0</i>	<i>18</i>	<i>0</i>	<i>18</i>
	4yr						
		Baylor U	27	0	27	0	27
		Rice U	21	1	22	0	22
		Saint Mary's U	19	5	24	0	24
		Texas A&M Intl U	10	0	10	0	10
		Texas Tech U	49	2	51	12	63
		U of Incarnate Word	5	0	5	0	5
		U of Texas, Austin	128	27	155	13	168
		U of Texas, Arlington	54	0	54	0	54
		U of Texas, El Paso	50	0	50	0	50
		<i>Summary for level = 4yr (9 institutions)</i>	<i>363</i>	<i>35</i>	<i>398</i>	<i>25</i>	<i>423</i>
		<b>Summary for state = TX (11 institutions)</b>	<b>381</b>	<b>35</b>	<b>416</b>	<b>25</b>	<b>441</b>
<b>UT</b>							
	2yr						
		Salt Lake Comm C	32	0	32	0	32
		<i>Summary for level = 2yr (1 institution)</i>	<i>32</i>	<i>0</i>	<i>32</i>	<i>0</i>	<i>32</i>
	4yr						
		Brigham Young U	155	337	492	9	501
		U of Utah	14	43	57	0	57
		Utah SU	62	0	62	0	62
		Utah Valley SC	37	56	93	0	93
		Weber SU	0	0	0	0	0
		<i>Summary for level = 4yr (5 institutions)</i>	<i>268</i>	<i>436</i>	<i>704</i>	<i>9</i>	<i>713</i>
		<b>Summary for state = UT (6 institutions)</b>	<b>300</b>	<b>436</b>	<b>736</b>	<b>9</b>	<b>745</b>
<b>VA</b>							
	4yr						
		Old Dominion U	10	0	10	0	10
		U of Richmond	3	0	3	0	3
		U of Virginia	25	1	26	0	26
		Washington & Lee U	0	0	0	0	0
		<i>Summary for level = 4yr (4 institutions)</i>	<i>38</i>	<i>1</i>	<i>39</i>	<i>0</i>	<i>39</i>
		<b>Summary for state = VA (4 institutions)</b>	<b>38</b>	<b>1</b>	<b>39</b>	<b>0</b>	<b>39</b>

State	Level	University	Lower Undergraduate	Upper Undergraduate	Total Undergraduate	Graduate	Total
<b>VT</b>							
	4yr						
		Marlboro C	4	0	4	0	4
		Middlebury C	21	7	28	0	28
		Sch for Intl Training/Exp in Intl Living	2	0	2	0	2
		<i>Summary for level = 4yr (3 institutions)</i>	<i>27</i>	<i>7</i>	<i>34</i>	<i>0</i>	<i>34</i>
		<b>Summary for state = VT (3 institutions)</b>	<b>27</b>	<b>7</b>	<b>34</b>	<b>0</b>	<b>34</b>
<b>WA</b>							
	4yr						
		Gonzaga U	7	0	7	0	7
		U of Washington	60	0	60	3	63
		<i>Summary for level = 4yr (2 institutions)</i>	<i>67</i>	<i>0</i>	<i>67</i>	<i>3</i>	<i>70</i>
		<b>Summary for state = WA (2 institutions)</b>	<b>67</b>	<b>0</b>	<b>67</b>	<b>3</b>	<b>70</b>
<b>WI</b>							
	2yr						
		Fox Valley Tech C	9	0	9	0	9
		<i>Summary for level = 2yr (1 institution)</i>	<i>9</i>	<i>0</i>	<i>9</i>	<i>0</i>	<i>9</i>
	4yr						
		Beloit C	5	0	5	0	5
		Milwaukee Sch of Engineering	0	0	0	0	0
		Ripon C	0	3	3	0	3
		U of Wisconsin, Madison	75	90	165	10	175
		<i>Summary for level = 4yr (4 institutions)</i>	<i>80</i>	<i>93</i>	<i>173</i>	<i>10</i>	<i>183</i>
		<b>Summary for state = WI (5 institutions)</b>	<b>89</b>	<b>93</b>	<b>182</b>	<b>10</b>	<b>192</b>
<b>WV</b>							
	4yr						
		Marshall U	14	0	14	0	14
		<i>Summary for level = 4yr (1 institution)</i>	<i>14</i>	<i>0</i>	<i>14</i>	<i>0</i>	<i>14</i>
		<b>Summary for state = WV (1 institution)</b>	<b>14</b>	<b>0</b>	<b>14</b>	<b>0</b>	<b>14</b>
<b>Total for US</b>			<b>7387</b>	<b>2422</b>	<b>9809</b>	<b>458</b>	<b>10267</b>
Total 2yr institutions:			28				
Total 4yr institutions:			198				
Total institutions:			226				





■ Universidades onde se ensina português

FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA PARA O DESENVOLVIMENTO

Rua do Sacramento à Lapa, 21 . 1249-090 Lisboa . Portugal

Tel. (+351) 213 935 800 . Fax (+351) 213 963 358

E-mail : [fladport@flad.pt](mailto:fladport@flad.pt) . website : [www.flad.pt](http://www.flad.pt)